



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
NO CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

FERNANDA DOS SANTOS MOURA

BRASILIA, JANEIRO DE 2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
NO CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

FERNANDA DOS SANTOS MOURA

FERNANDA DOS SANTOS MOURA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
NO CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dr. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Ms. Tadeu Queiroz Maia
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, janeiro de 2011

FERNANDA DOS SANTOS MOURA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
NO CONTEXTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Ms. Tadeu Queiroz Maia

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

HOMENAGEM

A minha família que ao longo dessa caminhada sempre esteve ao meu lado, ensinando a arte de amar, respeitar .

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Ao meu pai por nunca duvidar de minha capacidade e a minha mãe pelas noites de sono perdidas e pelo amor incondicional.

Ao Glaydson pelo amor mais doce e verdadeiro, e pela sólida certeza de que sempre estará ao meu lado quando eu mais precisar.

Aos amigos pelos momentos de alegria e descobertas compartilhados durante curtos semestres.

À professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho, pelo maravilhoso trabalho de plantar as sementes da Economia Solidária nos corações de jovens alunos que num futuro bem próximo terão a oportunidade de colher os frutos deste grandioso trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 9 |
| PARTE I..... | 13 |
| MEMORIAL | 13 |
| I. Do nascimento às primeiras experiências na Escola..... | 14 |
| II. Ensino Médio: desafios e conquistas | 16 |
| III. UNB: Concretização de um sonho | 18 |
| IV. A descoberta da Educação Ambiental e da Economia Solidária..... | 22 |
| V. Buscando compreender a prática pedagógica no aperfeiçoamento da formação | 25 |
| PARTE II..... | 27 |
| MONOGRAFIA | 27 |
| A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 27 |
| CAPÍTULO I..... | 28 |
| Educação Ambiental:..... | 28 |
| Construção do conceito na crítica ao capitalismo atual..... | 28 |
| CAPÍTULO 2 | 33 |
| ECONOMIA SOLIDÁRIA: DESENVOLVENDO VALORES NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL | 33 |
| CAPÍTULO III | 41 |
| EDUCAÇÃO INFANTIL | 41 |
| 3.2. A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA PRÁTICA COM A EDUCAÇÃO INFANTIL | 48 |
| CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA..... | 48 |
| 3.2.1. História..... | 49 |
| 3.2.2 Organização Pedagógica | 50 |
| 3.2.3 Perfil socioeconômico dos estudantes..... | 51 |
| 3.2.4 Formação dos professores | 51 |
| 3.2.5. Sobre a Turma Pesquisada | 51 |
| 3.2.6. Planejamento dos Encontros Pedagógicos | 53 |
| 3.2.7 Análise e Aplicação das Oficinas Temáticas | 54 |
| OFICINA 1 | 54 |
| O Planeta em que Vivo..... | 54 |
| OFICINA 2 | 55 |
| Conhecendo meu Planeta..... | 55 |
| OFICINA 3 | 57 |
| O que é natureza? | 57 |
| OFICINA 4 | 58 |
| A Fauna | 58 |
| OFICINA 5 | 59 |
| Flora..... | 59 |
| OFICINA 6 | 59 |
| O Ar..... | 59 |
| OFICINA 7 | 60 |
| O Sol..... | 60 |

| | |
|--|----|
| OFICINA 8..... | 61 |
| A Água..... | 61 |
| OFICINA 9..... | 62 |
| A Poluição..... | 62 |
| OFICINA 10..... | 62 |
| O Lixo..... | 62 |
| OFICINA 11..... | 63 |
| Desmatamento..... | 63 |
| OFICINA 12..... | 64 |
| Desequilíbrio Ecológico..... | 64 |
| OFICINA 13..... | 66 |
| Reciclagem..... | 66 |
| OFICINA 14..... | 66 |
| Reflorestamento..... | 66 |
| OFICINA 15..... | 67 |
| Limpeza do Meio Ambiente..... | 67 |
| OFICINA 16..... | 68 |
| Desenvolvimento de uma prática voltada ao cuidado com a fauna..... | 68 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 70 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 72 |
| PARTE III..... | 74 |
| PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: FORMACAO CONTINUADA..... | 74 |
| PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: FORMACAO CONTINUADA..... | 75 |

APRESENTAÇÃO

No fim dos anos 90 e início do Século XXI, o contexto sócio- econômico mundial sofreu diversas mudanças, representadas principalmente pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, pela cultura da “informação”, pela globalização, pelo acirramento da competitividade, pelo crescimento da poluição e pelo aumento das desigualdades sociais.

A Economia Solidária pode ser entendida como uma contra proposta a essa economia vigente, repensar a sociedade em moldes mais humanos e solidários deve se constituir daqui para frente missão essencial aos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo. Trazer essa reflexão para sala de aula deve ser obrigação de todo educador que acredita na possibilidade de criar uma escola mais democrática, onde os papéis de opressores e oprimidos sejam verdadeiramente extintos e prevaleçam os princípios de igualdade e solidariedade. Assim, cresceu nos últimos anos a consciência crítica de muitas pessoas, as quais, preocupadas com o seu bem estar e da coletividade onde habitam, passaram a valorizar atitudes social e ecologicamente “corretas”, no sentido de serem produzidas a partir do comprometimento com o meio ambiente e com a sociedade.

Nesse sentido a educação também foi desafiada a incorporar preocupações sociais a sua estratégia de ensino. Na formação dos educandos se faz necessário abrir os olhos dos mesmos sobre a realidade planetária no quesito ambiental e também conscientizá-los sobre as possíveis causas de todo desgaste que a natureza vem sofrendo nos últimos anos.

Hoje podemos constatar que algumas organizações educacionais passaram a adotar a busca da qualidade como sua máxima finalidade institucional. Outras, por já terem alcançado altos índices de excelência e qualidade, passaram a focar a demanda da sociedade com lições educacionais que representassem uma gestão responsável, refletida na transmissão de conceitos educacionais visando a não agressão ao ambiente, ou então, no desenvolvimento de ações sociais e no respeito à coletividade e aos próprios alunos. Nesse sentido, escolas que investem em ações de pratica ambiental consciente alcançam dois propósitos: atender a necessidade da sociedade atual e cumprir novas exigências legais, tais como a LDB e a legislação ambiental.

Logo, a pratica refletida nas ações de tais instituições educacionais já refletem uma mentalidade capitalista. Introduzem-se conceitos de educação ambiental não para afirmar a sua relevância no contexto atual e buscar mudanças na atitude, mas sim para cumprir padrões

de exigência, alcançar indicadores de qualidade e até mesmo em algumas instituições privadas, obter mais procura pelo serviço educacional ali oferecido.

Assim, mensurar ações educacionais de fato comprometidas com a educação ambiental não é tarefa fácil. Entretanto, compreende-se que práticas com fim na preservação do planeta terra, devem ser iniciadas desde cedo na escola. Logo, a Educação Infantil é um ambiente propício para trazer ao educando conceitos de educação ambiental e prática conscientes.

A Educação Infantil é o momento de entrada da criança na escola e onde se inicia todo o processo de reconhecimento da realidade que se constrói ao seu redor, sendo, portanto de grande importância que a mesma reconheça a natureza na qual esta inserida e que se sinta com parte integrante da mesma.

A presente monografia busca compreender, avaliar e desenvolver as práticas pedagógicas voltadas para a educação ambiental na educação infantil, acreditando que desta forma se inicia o processo de construção da economia solidária com crianças. Compreendendo que faz parte do processo de socialização a apresentação à criança do ambiente natural que esta ao seu redor na construção de uma mentalidade consciente sobre seu papel na preservação ambiental. Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica admitindo uma abordagem dialética, visando confrontar a realidade atual da educação infantil na busca da transformação das práticas superficiais de socialização e introdução da educação ambiental. Destaca-se também a transformação de metodologias docentes de cunho capitalista em práticas de real preocupação com o planeta do qual fazemos parte.

Nesse primeiro momento são tratadas as questões relativas à apresentação do trabalho. Este que tem por tema a prática docente voltada para a Educação Ambiental como processo de socialização na Educação Infantil, buscando desta maneira responder as perguntas fruto da presente pesquisa e cumprir o objetivo delimitado, o qual é de maneira geral identificar e descrever ações de Educação Ambiental a ser desenvolvidas com turmas de educação infantil. De forma mais específica, os objetivos da presente monografia se resumem a contextualizar a temática da educação ambiental, a partir da literatura especializada, descrevendo conceitos e práticas, bem como estabelecendo sua importância para a Educação Infantil; identificar o conjunto de ações, métodos e valores a serem aplicados com a educação infantil; discorrer sobre o conceito do processo de socialização da criança.

No processo de construção do presente relatório adotou-se primeiramente um estudo exploratório: O estudo exploratório pretendeu aumentar os conhecimentos em relação ao tema e ao problema de pesquisa, especialmente no momento da construção do referencial

teórico. Em segundo lugar adotou-se uma pesquisa bibliográfica para proceder ao estudo exploratório com o objetivo de aprofundar o conhecimento em torno das questões teóricas relativas ao tema de pesquisa. Além de livros e artigos científicos, a pesquisa bibliográfica e documental envolveu, principalmente, consultas a sites da Rede Mundial de Informação-Internet.

A abordagem metodológica utilizada consiste basicamente em Oficinas Temáticas sobre Educação Ambiental realizadas com o grupo de educandos que acompanhei durante três meses no Colégio São Carlos, entidade particular e filantrópica que oferece a modalidade de ensino de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Buscando cumprir com os objetivos propostos neste trabalho, tentei ao longo do mesmo construir um significativo referencial histórico e teórico, além de lançar mão de minhas experiências práticas com a Educação Infantil. O presente trabalho foi organizado em três blocos principais.

A **primeira parte** deste trabalho consta de um memorial socioeducativo, por meio do qual relato fatos da minha trajetória socioeducativa. Momentos significativos que antecedem a educação formal, mas que se configuram em uma importante fase da minha educação através da informalidade. Construo esta trajetória até o meu ingresso na Universidade de Brasília no curso de Pedagogia. Esses relatos das minhas experiências pessoais e acadêmicas contribuíram para desenvolver uma reflexão acerca da escolha do tema do meu trabalho final.

A **Segunda Parte** do trabalho no qual abordo “a educação ambiental como prática na educação infantil no contexto da Economia Solidária”, procuro apresentar um referencial histórico que permitirá ao leitor acompanhar um pouco das características da Educação Infantil no contexto atual. Assim como, elaborei um referencial teórico que servirá a compreensão de como se dá o processo de emancipação através de uma educação libertadora nos moldes da Economia Solidária.

Busquei ao longo dos capítulos construir estes referenciais para que o leitor pudesse situar-se dentro da problemática proposta. Na formulação da temática central da monografia, acreditando que na junção da educação ambiental com a educação infantil no processo de socialização da criança, se estará mais próximo daquilo que se acredita como padrão de sociedade.

A Segunda parte deste trabalho se divide em três capítulos. No primeiro capítulo, trago conceitos de Educação Ambiental e sua prática nas escolas e principalmente na educação infantil. No segundo capítulo inicio minha proposta de educação ambiental na Educação

Infantil, com uma análise da situação atual de tal segmento da educação, e remetendo ao que diz a lei sobre tal temática.

No capítulo três construí um referencial teórico que embasou toda a minha prática em quando educadora, lanço mão de minhas experiências e vivências práticas com a Educação Infantil, a fim de demonstrar a importância da educação ambiental para a formação crítica dos educandos, onde os mesmos tenham a oportunidade de descobrir que é possível construir um mundo melhor e mais humano. Mas vou além, concluindo minha pesquisa, apresentando uma concepção de transformação que vai de encontro ao que a Educação Ambiental propõe, e é porta de entrada para a solidificação de uma educação infantil mais capacitada á formação do cidadão coletivo.

A **terceira e última parte** do presente trabalho consiste em uma breve produção sobre as minhas perspectivas de atuação profissional como pedagoga, com reflexões acerca dos meus projetos futuros decorrentes de uma trajetória sólida e consciente.

PARTE I
MEMORIAL

I. Do nascimento às primeiras experiências na Escola

Nasci em 1989, no Hospital regional de Taguatinga. Durante toda a minha infância morei na Ceilândia, e foi lá que em 1994 com 5 anos ingressei na minha primeira escola, o Centro de ensino nº 19 de Ceilândia. Ali, devido à minha idade, fui para o Jardim II.

Tenho poucas lembranças do meu Jardim II, apenas minha mãe indo me buscar e me levar, e às vezes me lembro das ruas, da casa onde morava e da estrada de terra que me levava todos os dias à escola. Essa foi uma fase difícil da minha família, porque estávamos numa fase complicada de mudança do padrão de vida. Meu pai estava acostumado a ganhar muito dinheiro e nos oferecer tudo de melhor, ele sempre foi comerciante, entretanto nessa fase o mercado que ele havia montado não estava vendendo muito. Todos os meus irmãos estudaram em escolas conceituadas de Taguatinga, mas devido a essa crise, apenas a minha irmã foi mantida na escola particular e eu e meus outros dois irmãos fomos para a escola pública.

Quando fui para o pré-zinho, já não estava mais morando na Ceilândia, tinha ido morar com meus avós em Taguatinga. A casa era muito grande e como eles estavam ficando velhos precisavam que minha mãe cuidasse deles. Nessa fase eu estudava no Centro de Ensino 06 de Taguatinga. Desse período eu me lembro bem que era minha irmã mais velha quem ia me levar à escola. No caminho passávamos na padaria para comprar meu lanche. Dentre as lembranças me recordo que sempre chorava para ir à escola em dia de chuva. Tudo isso porque um dia, fui a última a ir embora da escola e caía um temporal.

Sei que não durei muito nessa escola logo em seguida tive que mudar de colégio, pois mudei de casa novamente. Estudei um ano e meio. Na metade de 1996 fui transferida para a Escola Classe 24, o local onde se deu início minha formação escolar de fato. Até aquele momento tinha sido apresentada às letras e já sabia formar palavras. Mas foi nessa escola que de fato a pessoa que sou hoje começou a surgir.

Na metade que cursei da 1ª série nessa escola foi suficiente para conhecer minha melhor amiga e que até hoje me acompanha. Lembro que a professora era bastante rígida. Fascinava-me com a construção das palavras. Recordo-me bem de um painel que era feito de papel pardo, e uma caixinha de fósforo onde guardava letras para montar palavrinhas nesse painel. A professora tinha um igualzinho e isso me excitava ainda mais, enquanto construía as palavras como a professora, brincava dentro de mim que era a mesma, como se o ato de

formar palavras com minhas letrinhas num quadro miniatura da professora me fizesse ser igual a ela.

Lembro-me das figuras que nomeei e das vezes que não sabia escrever e olhava na tarefa do amigo do lado. Mas, sempre tive uma letra bem grande e uma leitura bem fluida.

No começo da 2ª série, na mesma escola, diferentemente da outra escola, era conhecida e tinha amigos. Fui escolhida para ler uma poesia no começo do ano, a professora ficava impressionada com a minha leitura. Nessa série, conheci meu primeiro amor. Era encantada por um menino da minha sala. Ele era cobiçado por todas as garotas, mas também nem ligava para minha presença, ele era muito meu colega e fazíamos as atividades juntos. Na festa junina da escola queria muito ser par dele, mas não deu certo, minha amiga foi quem dançou com ele, e eu fiquei com um menino muito chato da escola.

Na 3ª série, adorava minha professora, nesse período já era vista como uma ótima aluna e sempre ganhava cartas de honra. Foi a série que mais participei de passeios com a escola. Fomos à CAESB, ao Parque da Cidade, ao Planetário e à Embrapa.

Na 4ª série, todo o ano foi dedicado a aproveitarmos muito nosso último ano na escola. Continuava gostando muito do mesmo garoto e sabia que ia sentir falta dele. No começo do ano, meu primo foi estudar na mesma escola que eu. Era muito legal, porque sempre fui muito ligada a esse primo. Estudei os primeiros bimestres com o objetivo de fazer a prova do Colégio Militar, mas depois desisti. No final do ano, na nossa formatura ganhei um diploma por ter sido aluna destaque durante todos os três anos e meio que pertenci à escola.

Quando um aluno terminava a 4ª série, a escola encaminhava para outra escola também localizada em Taguatinga Norte. Mas minha mãe estava trabalhando numa escola, o Centro Presbiteriano de Educação, pertencente à igreja a qual eu e minha família freqüentávamos. Assim, minha mãe conseguiu uma bolsa integral para eu estudar até quando ela continuasse trabalhando ali.

Na 5ª série, gostei muito do meu primeiro contato com a escola, e para a minha surpresa, minha amiga da outra escola também estudaria ali. Foi um dos melhores períodos para mim. O fato de deixar de ter apenas um professor e passar a ter vários era muito emocionante a meu ver. Minha mãe comprou meu primeiro fichário e minhas primeiras canetas.

Continuei sendo uma ótima aluna, o que em muito alegrava meu pai e minha mãe. E foi então aí que comecei a ajudar minhas amigas que tinham dificuldade com algumas matérias. Elas iam até minha sempre que estava perto de uma prova, eu as ensinava e também as ajudava nos exercícios. Era muito interessante nessa época, pois a escola inteira me

reconhecia como a “nerd” ou coisas desse tipo. Essa imagem foi a que levei por um bom período da minha vida, às vezes não entendia se as pessoas se aproximavam de mim para ser minhas amigas ou para as ajudar na escola.

Foi também quando estava na 5ª série que minha irmã do meio se casou. Foi triste para mim, porque eu era muito apegada a ela.

Na 6ª série, tinha um grupo de amigas formado, Karol, Raquel, Taynara, Luana e Vanessa. Era eu e mais cinco meninas. Desfrutamos bons momentos juntas. Íamos para a escola à tarde e além de estudar nos divertíamos muito. Nessa época, estava tendo meu segundo amor, mas dessa vez não era da escola, era da igreja. Eu com 13 anos gostava de um garoto cinco anos mais velho que eu.

Na 7ª série continuei apaixonada pelo mesmo garoto. Mas o acontecimento que mais marcou o meu ano foi o falecimento do meu avô. Recordo-me que tinha um trabalho de ciências para apresentar, e fui à escola só por causa disso, mas depois fui ao velório, na qual vi-lo no caixão a imagem dele vivo é o que eu queria que permanecesse na minha memória. Sempre tive dificuldade de lidar com a morte, o ato inexistência imediata de alguém que sempre fez parte da minha vida era muito complexo.

Na 8ª série, estava triste por ter que mudar de escola, na atual escola não tinha ensino médio. Minha mãe também tinha resolvido que neste ano pararia de trabalhar, já que eu não mais estudaria ali. Entretanto, a grande questão desse período foi onde estudaria, já que era bolsista em na antiga escola? Minhas amigas iam para uma escolar particular próxima á antiga. Mas pagar uma escola para mim seria complicado, mas no final como a situação dos meus pais estava melhor, eles resolveram pagar a escola, visto que o valor não era alto.

Combinamos, eu e minhas amigas de ter uma formatura, formamos uma comissão e mandamos fazer os convites. Depois da data marcada e dos convites entregues, descobrimos que tivemos pouquíssimas adesões à formatura, logo seria impossível sua viabilização. Como tínhamos um dinheiro em caixa adquirido com a venda de bolos e tortas resolvemos passar uma tarde no shopping, assistimos a um filme e lanchamos no Mc Donald.

II. Ensino Médio: desafios e conquistas

Como já disse, na escola não havia Ensino Médio, e todas as minhas amigas foram para o mesmo colégio eu também implorei a minha mãe e também fui estudar novamente com

elas. Meu 1º ano do ensino médio no Colégio Santa Terezinha, parecia outro mundo tal como a 5ª série se mostrou para mim. Os professores falavam muito em vestibular e PAS.

No 1º ano do ensino médio estudei muito durante todo o ano e minha meta era tirar uma boa nota no PAS. Apesar do meu esforço, a escola não contribuía muito, era uma escola particular, mas os conteúdos eram muito superficiais e eu tinha que aprender muita coisa sozinha em casa. Sempre quis fazer um cursinho preparatório, mas como meu pai já pagava a escola, dizia que não tinha condições. Em Novembro fiz a primeira etapa do PAS e senti que havia me saído bem, e de fato havia, tirei a maior nota da sala. Criei muitas expectativas, mas não sabia ainda ao certo que curso eu queria.

No 2º ano, descobri a série mais difícil que já tive. Sempre a tarde, montávamos um grupo de estudo na minha casa para rever o conteúdo estudado e tirar dúvidas de quem não entendido o conteúdo.

Nesse período minha vó estava idosa e às vezes até atrapalhava nossos estudos. Como eu ficava com ela a tarde, ela sentia muita falta da minha mãe e sempre ia me perguntar se ela já estava chegando. A segunda etapa do PAS me desanimou em muito. Não tirei uma nota boa e me decepcionei exatamente por a prova estar fácil. Comecei a me preocupar se conseguiria ou não entrar na UNB. Continuava apaixonada pelo mesmo garoto e então muitas vezes me reunia para estudar e acabava desviando o assunto para o “meu amor”. Acredito que isso atrapalhou um pouco meu desempenho no 2º ano, principalmente porque comecei a conversar a me envolver ainda mais com ele. No entanto, descobri que minha idealização a respeito da pessoa desse menino estava errada. Não cheguei nem a beijá-lo, mas a minha inocência pouco o impressionou.

No 3º ano, dediquei os dois primeiros bimestres ao estudo. Já não me interessava mais pelo antigo garoto e tudo o que queria naquele momento era entrar na UNB. Cheguei a ficar meio paranóica, sempre que alguém vinha me perguntar dos meus estudos sempre acabava desviando o assunto para o PAS. Estudei bastante e meus professores depositaram muitas esperanças em mim. Em maio, conheci o Glaydson e acabei começando a namorar com ele. No começo, meu pai temia que isso atrapalhasse meus estudos, e como sempre com a sua rigidez tentava ao máximo me deixar sozinha com meu namorado e nem deixava eu vê-lo no durante a semana.

Minha vida pouco mudou então com o começo do meu namoro. Continuava com a única meta de passar no PAS, só não sabia para qual curso. Quando fui fazer a minha inscrição, olhei as notas de corte e descobri o curso de pedagogia. Minha primeira nota havia

sido boa, mas como temia a nota da ultima etapa, resolvi optar por um curso mais fácil de entrar.

Fiz a prova, e passei. Havia me saído muito bem na ultima etapa, minha nota tinha dado para vários outros cursos. No começo quando fui fazer minha matrícula, bateu um arrependimento. Meu pai ficava me perturbando falando que com medo eu não chegaria a lugar nenhum.

III. UNB: Concretização de um sonho

O primeiro dia de matrícula na UnB foi um verdadeiro tumultuo. Todos os calouros não sabiam como fazer a matrícula, tampouco quais disciplinas escolher. Não estava entendendo como funcionava o sistema da UnB.

O primeiro ano de UnB foi muito bom. Descobri outro mundo muito diferente do mundo que eu vivia durante o 2º grau. Agora sim, eu iria traçar de fato a minha vida acadêmica e profissional, não tinha mais os professores e coordenadores pedagógicos cobrando notas, comportamento, se fiz ou não o dever de casa ou se trouxe o material para a aula. Era muita liberdade mas não compreendia o real significado dessa liberdade. No primeiro dia de aula, meu namorado foi comigo, porque ele sabia que eu ia ter dificuldades. Peguei o número das salas que eu teria aula e fui embora, estava com medo do trote. No dia seguinte, como meu curso é noturno, meu pai havia contratado uma van para me levar e buscar todos os dias. Nesse dia, o pessoal do CA preparou um trote de reconhecimento da UNB, nós calouros fomos apresentados aos principais pontos da universidade.

Passada a euforia, percebi que esse tempo de universidade tinha que ser levado com seriedade. Então passei a dar mais atenção às leituras dos textos e aos debates em sala de aula.

Passei por diversas áreas do conhecimento, tais como: Sociologia, Filosofia, Psicologia, Artes, Ciências, História, Geografia, Matemática, Literatura, Sociologia, entre outras, e fui construindo o meu saber pedagógico, reconhecendo a importância desse profissional para a sociedade e percebendo a relação de cada disciplina estudada com os contextos presentes, não só no ambiente escolar, mas também no mundo. E essa leitura de mundo fez com que eu também desse a minha contribuição para o saber pedagógico, produzindo conhecimento por meio de artigos, textos científicos, trabalhos em grupos, diários de bordo, pesquisas, portfólios e atividades práticas.

E essas produções, juntamente com os grandes teóricos, me auxiliaram a ter um novo olhar frente à educação, mais crítico, inquieto, questionador e construtor de, quem sabe, uma nova prática pedagógica.

O primeiro semestre do curso de pedagogia é tudo novo, achei muito diferente da escola, mas ao mesmo tempo me sentia mais adulta. A UNB foi uma das melhores coisas que podia ter acontecido na minha vida, pois aqui, descobri um lado crítico das coisas, e aprendi a questionar e a ir além daquilo que as pessoas me apresentavam.

Hoje já faz quase quatro anos que entrei para esse mundo da Universidade de Brasília. Olhando para trás vejo como mudei, e como cada etapa foi decisiva na formação do que sou hoje. Já na reta final da minha vida acadêmica a cada dia me encanto mais com a educação e com a pedagogia. Acredito muito que tudo que acontece na minha vida decorre da vontade única de Deus, e agradeço muito por esse dom de ensinar que tenho adquirido a cada dia.

O primeiro semestre me serviu para conhecer a UNB, e introduzir alguns conhecimentos que a pedagogia me cobraria mais tarde, como Perspectiva do Desenvolvimento Humano, Investigação Filosófica, Antropologia, e aquela que mais me marcou Oficina Vivencial. Esta matéria me ajudou a me localizar na UNB e também a eu crescer como pessoa ouviu muitas histórias de pessoas e às vezes também tinha vontade de desabafar. Foi muito significativa a atuação do professor, na sua fala vi uma forma de pedagogia e um amor pela educação, meio poético e meio irônico.

A entrada na UNB num curso noturno, apesar de não ter sido bem aceito a princípio foi em parte proposital da minha parte na medida em que precisava coincidir a Universidade com o mundo do trabalho. Nesse quesito, a pedagogia me propiciou algo que outro curso não o faria. É um campo de atuação de fácil inserção no campo de trabalho.

Assim, logo no primeiro semestre já procurava por estágio, pois tinha muitas xerox para tirar e muitos livros que queria ler. Entretanto, não consegui estágio, pois a maioria das vagas exigiam do segundo semestre em diante. É impressionante como a Universidade me trouxe como bagagem um grande amadurecimento e independência.

O segundo semestre, significou algo muito interessante na minha vida, pois não era mais vista como caloura e tudo não era mais tão inédito para mim. A UNB tem uma cultura de reconhecer de verdade e tratar como “calouro” de fato o aluno recém ingressado. Assim, a minha chegada no segundo semestre, foi muito importante para mim e já me sentia mais entrosada com o grupo de alunos. Um fato relevante, é que sempre senti dificuldade em

entender o sistema de créditos da UNB, também não compreendia como funcionavam os projetos, apenas sabia do projeto I que era o que havia feito até então.

As disciplinas do segundo semestre foram bastante marcantes pois, tive uma maior liberdade de escolhe-las. Cursei história da educação, o educando com necessidades educacionais especiais, fundamentos de educação ambiental, pesquisa em educação I e aos sábados cursava OEB. Foi muito interessante esse semestre, pois iniciei também a fazer estágio. As matérias eram mais substanciais e introduziam melhor o que seria a pedagogia. O que sempre me fascinava na UNB, e também a diferenciava das outras instituições, era a forma como a pedagogia era vista: não como ciência mas com importância similar na atuação do pedagogo. Até então o que ouvia sobre o pedagogo, era sinônimo de sala de aula e pouca remuneração, disciplinas como Pesquisa em Educação, me ajudaram a compreender a educação sob outra perspectiva.

Como disse, iniciei nesse semestre meu primeiro estágio em um KUMON, foi um semestre bastante complicado para mim, pois tinha muitas matérias, inclusive no sábado, e trabalhava em um estágio por oito horas diárias para ganhar pouco mais que trezentos reais. O trabalho não era interessante e não tinha nada a ver com a pedagogia, ficava o dia todo corrigindo atividades de um método que nem concordava. Além disso, a dona do lugar era uma arrogante, que acreditava poder maltratar as pessoas. Até hoje não sei como aguentei ficar ainda um semestre naquele lugar. Além, de tudo isso tinha o cansaço de ter que ir para a UNB todo dia a noite e inclusive aos sábados.

Mas, apesar de tudo isso, foi um semestre bastante significativo na minha vida. Como falarei mais a frente, foi o semestre em que conheci a Educação Ambiental, parte essa da educação responsável por esse projeto. Foi nesse semestre também em que tive prazer de ver a beleza que é a Educação Especial. Mas acima de tudo, nesse semestre, fazendo o estágio que não gostava, que amadureci, na companhia de pessoas mais velhas que eu. Como é interessante a capacidade humana de desenvolver mediante convesas e companhas mais adultas que ele. E foi isso que aconteceu comigo, desenvolvi e amadureci alguns anos e também algumas mentalidades a partir da convivência com aquelas mulheres companheiras de trabalho.

No final do semestre e consequente, final de ano, tive um recesso do estágio e também férias da UNB. Foram minhas primeiras férias depois do fim do ensino médio. Então, já madurecida pela UNB e pelas vivências, decidi parar com o estágio e estudar para concurso. Essa foi uma atitude muito sensata da minha parte. Não aguentava mais fazer aquele estágio e também queria coisas maiores para a minha vida.

No início do ano de 2008, peguei apenas quatro matérias na UNB e desisti do noturno. Ir para a UNB a noite se tornava cada vez mais inviável, na medida em que meu pai não conseguia mais pagar a vã e como não estava trabalhando não podia ajuda-lo. Assim, escolhi estudar de manhã e a tarde ia ajudar meu pai na loja de sapatos que ele tinha. Foi um semestre consideravelmente triste para mim, pois não tinha emprego e também queria mais de muitas coisas.

Sempre tive a característica de quando estava infeliz com alguma coisa eu mergulho todo o meu tempo nos estudos. Desta maneira, comecei a estudar para todos os concursos que apareciam, mas dei maior ênfase ao Banco do Brasil e à Caixa. Às vezes faltava aula e ia para a biblioteca para estudar. Fiz muitos exercícios e deixei até mesmo a UNB de lado às vezes.

Como disse, peguei apenas quatro matérias no meu terceiro semestre, foram elas: Psicologia da Educação; Ensino de Ciência e Tecnologia Língua Materna e Educação e Trabalho. Essa ultima matéria foi a mais significativa, na minha análise crítica da realidade do trabalho. Ali, analisando o mundo do trabalho enxerguei como são desiguais as oportunidades e também como é distante a relação entre empregados e empregadores.

Enfim, foi um semestre importante na minha vida, pois fui aprovada no meu primeiro concurso, o que significou bastante para a minha autoestima e também para o meu reconhecimento como integrante do mercado de trabalho de fato. Entretanto, não fui convocada logo, mas fiquei na expectativa de ser convocada.

Assim, se iniciou uma nova fase da minha vida, ficava ansiosa para ser convocada pelo concurso e também aguardando a nova fase que viria para a minha vida. O meu quarto semestre da UNB muito significativo, e ali aprendi como projeto três a viver a Educação Ambiental, conforme descreverei mais a frente.

O meu quinto semestre significou uma nova etapa da minha vida, fiquei noiva e muito ansiosa para me formar e começar a dar aula como professora regente. Iniciei um estágio em uma escola particular. Ali ganhava cerca de quinhentos reais e no começo gostava muito e descobri a cada dia o infinito prazer de educar. Mas na verdade reconhecia ali como uma transição, até eu ser convocada pela Caixa Econômica. Ali na escola, era auxiliar volante das professoras, as ajudava na ministração das aulas e também na confecção de material pedagógico. Nos primeiros meses eu gostava muito, fiquei ali por um ano e meio e saí apenas para assumir no concurso, mas depois de um tempo, comecei a descobrir as mazelas do ensino privado em Brasília. Primeiramente, vivi o mesmo destrato que me aconteceu no meu primeiro estágio. Eu era apenas uma estagiária, podia ficar sem lanchar, ao ponto se apenas

almoçar correndo duas horas tarde, depois de ficar sem tomar café e ter que sair correndo para ir para a UNB.

As vezes os professores iam para o lanche e ficávamos nós as estagiárias no sol quente, cuidando de muitos alunos. Mais uma vez, a relação entre o trabalho e as relações sociais aparece na minha vida. Nunca uma estagiária era vista como o professor às vezes sabia mais coisas que eles, mas a nossa posição nos tornava inferiores.

Foram três semestres decorreria e até mesmo sofrimento. Saía de casa às cinco horas da manhã, quando estava tudo escuro e vazio, pegava o ônibus e chegava à escola. Ali, pouquíssimas vezes consegui lanchar, então, ficava toda a manhã com fome, e apenas ia comer mais ou menos às duas horas, escondida numa sala porque a diretora não autorizava comer enquanto tivesse um aluno que fosse. Agora, olhando para trás reconheço também a importância disso tudo na minha concepção crítica da escola hoje.

A escola foi minha principal fonte do saber, ainda busco a sabedoria em muitos sentidos, mas agradeço aos colégios que citei e por fim a Universidade de Brasília pela construção da mentalidade que tenho hoje. Ainda tenho muito que aprender, mas sei que o amadurecimento é um processo longo e com o caminho que estou trilhando peço a Deus que o alcance em breve.

O presente projeto nasceu de um interesse que sempre tive sobre os problemas ambientais que assolam o planeta. Minha inquietação se faz presente desde meu ensino médio, quando numa pesquisa de biologia, li a respeito do destino do Planeta Terra, caso o homem não modificasse sua postura ante a natureza. No livro estudado discutia-se a implicância das atitudes humana sobre a destruição da camada de ozônio, efeito estufa e poluição de mares e rios. Foi a partir daí, que comecei a questionar como seria então uma postura ecologicamente coerente e como poderia eu me portar desta maneira num contexto mundial de inconsciências, fruto de um sistema.

IV. A descoberta da Educação Ambiental e da Economia Solidária

Em 2007, com minha entrada na UNB, tive a oportunidade de cursar a disciplina de Fundamentos da Educação Ambiental. Esta, que por sua vez, era optativa, tratava de como a Educação poderia então influir na construção de um desenvolvimento sustentável e na defesa do Planeta Terra. Ali tive a oportunidade de ler Carlos Walter Porto; Ignacy Sachs e o que mais me marcou com Edgar Morin, “Os sete saberes necessários à Educação do Futuro”. Com

os dois primeiros autores destaquei a importância da preservação ambiental na construção de uma boa sociedade no futuro. Já com Morin, trabalhei de que forma a Educação é um pilar dessa sociedade.

Em 2008, comecei a estagiar no Colégio São Carlos, escola na qual desenvolvi o presente trabalho. Ali, minhas inquietações aumentavam na medida em que o sistema que girava em torno da Educação Infantil, apresentava-se cada vez mais deficitário. O que sempre enxerguei foi professores desmotivados e alienados numa educação que não abria horizontes, mas ao contrário ficava estagnada naquilo que a hierarquia predeterminava. O trabalho era preso à rotina, a qual enquadrava o tempo e as atitudes da criança a um roteiro pré-determinado. Assim, para se cumprir uma determinação, o educando não tinha contato com o meio ambiente, poucas vezes saía da sala de aula, e nas duas vezes que vi isso acontecer se deu pelo fato da chegada de uma professora nova e que tinha uma visão mais aberta para a realidade. No entanto, o que mais me preocupava nesse contexto era a proposta de formação de cidadão, mas que não era concretizada na prática. Sempre acreditei que o papel fundamental da escola é o de construir no aluno, independente da sua fase de escolarização, uma mente crítica, desenvolvendo a cidadania e exercendo um ensino político. A educação ambiental se insere então neste contexto, não pode haver dissociações, pois um indivíduo consciente reconhece seu papel na sociedade e trabalha para o bem da mesma.

Em, 2008, durante minha 1ª fase de Projeto III, realizei com a professora Vera Catalão, o projeto Água como matriz eco pedagógica. Desenvolvi com ela várias oficinas, como de reciclagem de papel, árvore de natal de material reciclado e sucos, boa parte do que aprendi foi aplicado com meus alunos no São Carlos. Comecei a aproveitar a oportunidade que tinha uma vez por semana, para aplicar atividades voltadas para a educação ambiental. Elaborei materiais com sucata e fiz atividades voltadas para esta temática.

Durante um evento que ocorreu em Brasília, juntamente com a turma de Projeto III, no Dia Mundial sem carro, fizemos oficina de papel reciclado na plataforma da Rodoviária do Plano Piloto. Ali, passavam várias pessoas e então explicávamos o porquê de estarmos com aquela atividade e ensinávamos a fazer o papel reciclado. Um das coisas que mais me impressionou naquele dia, era que os únicos que estavam interessados no que era apresentado eram alguns meninos de rua que estavam ali por perto. Eles participaram da oficina mais de uma vez inclusive. Tal fato mexeu comigo na medida, que pude notar a fome daqueles meninos por conhecimento, e o interesse deles quando o assunto era a transformação das mentalidades para o bem da Terra no futuro. Muitas vezes, mantemos discursos repetitivos de que cada um deve lutar pra alcançar suas metas, mas não percebemos que existe todo um

contexto social e político que barra muitas vezes a nossa ação. Cada vez posso então perceber, que não adianta apenas trazer conhecimentos de educação ambiental, mas é preciso também a transformação de um individualismo que percorre a nossa própria natureza capitalista.

Com o término do projeto, por motivo de trabalho, fiquei um semestre sem fazer projeto III. Entretanto, sempre percebi que precisava de mais respostas para as minhas perguntas. No início deste semestre, uma colega me indicou o projeto Economia Solidária, e foi ali que acredito ter me encontrado de fato. Quando li na ementa “modificação imperiosa no modo de viver dos homens e mulheres”, notei que havia encontrado o que procurava. Educação ambiental requer uma mudança de postura, sempre acreditei nisso, e penso que não é possível se pensar na natureza quando se está carregado de frustrações de um trabalho mal reconhecido e explorador.

Dentro dos fundamentos da Economia Solidária está o de uma atividade econômica ambientalmente sustentável, e é a educação a responsável por introduzir desde cedo uma mentalidade que será a responsável por isso.

A partir do projeto III, pude chegar até o projeto IV, prática do estágio supervisionado e resultado deste relatório. Quando iniciei o projeto, pretendia realizar a pesquisa numa escola pública, por que ali acreditava encontrar subsídios suficientes para aprofundar meu trabalho. Foi então, que comecei a observar meu contexto de trabalho e notei (por todos os motivos citados anteriormente) como ao meu redor havia crianças necessitando de um trabalho de reconhecimento do ambiente em que vive. A turma escolhida foi a que mais me identificava e também era a turma que auxiliava como estagiária fora isso, também sempre mantive um afeto muito grande com aquelas crianças. Quem observa de longe, pode notar como muitos pais falham na criação de seus filhos, e era justamente isso que notava em algumas crianças dessa turma. Não tinham noções de cuidado com a natureza, eram individualistas e principalmente não se enxergavam como parte do meio ambiente e que, portanto também precisavam ser cuidados. Esses alunos são o reflexo da escola que citei acima. Desta maneira, ensinar a eles a Educação Ambiental, muitas vezes não seria suficiente, pois a própria essência da escola privada e da sua gestão era capitalista e individualista.

Assim, cada observação realizada trazia um aprendizado e também uma identificação com a educação ambiental.

Assim, nasceu a presente pesquisa, como fruto das minhas observações e aferições na educação infantil de uma escola privada. A cada frase que escrevi neste memorial é como se revivesse tudo de novo e me lembrasse de cada momento que vivi naquela escola.

V. Buscando compreender a prática pedagógica no aperfeiçoamento da formação

Neste ultimo semestre de Pedagogia surge a expectativa de concluir o curso e permanecer na área da Educação, como pedagoga com cunho político e social. Penso que ser pedagogo é muito mais do que ser professor da Educação Infantil ou das séries iniciais. A pedagogia oferece ferramentas que me tornam capaz de participar do processo de formação de futuros cidadãos críticos, solidários e autônomos que estão atualmente e futuramente inseridos na sociedade do poder, capitalista, tão complexa e em crise, escassa de valores morais e de princípios.

É necessário apontar que ser Pedagogo em uma sociedade tão competitiva e consumista não se torna uma profissão muito atraente, e realmente não é. Porque é visível o quanto os valores, e princípios dos seres humanos estão se apagando em detrimento de interesse particulares. A sociedade globaliza é a sociedade do conhecimento, ela está muito voltada para a vida materialista, onde o primordial é consumir e anular o outro. Os sujeitos esqueceram-se de se tornarem humanos deixando de lado a dignidade e a solidariedade voltando-se para a competitividade.

É horrível pensar assim, pois este é o mundo dos nossos filhos, netos e bisnetos, crianças que irão crescer e tornar-se adultos. Mas que tipo de adultos? Em um mundo muito poluído de idéias e sentimentos sem razão. Adultos que não sabem o que realmente são, indivíduos alienados, egoístas e talvez “imorais” com interesses que anulam o ser em troca do ter.

Acredito na missão de mudar não uma Educação retorcida, mas de transformar a sociedade que ainda está por vir. Pode ser utopia pensar assim, mas como Pedagogos temos a capacidade de plantar hoje nesta sociedade tão carente de valores, sementes que um dia irão florescer. E quem sabe essa mesma sociedade que hoje é tão infértil possa colher os frutos que só a Pedagogia pode dar. Se iremos conseguir? Quem sabe? Só o tempo poderá dizer.

Torna-se importante saber superar as dificuldades desta profissão, para então saber delinear o caminho, a meta, e saber atingir seus objetivos. Adquirindo a capacidade de lidar com o diferente, sem preconceitos, sem distinção de cor, raça, sexo ou religião.

Como é de praxes afirmar, é nas mãos de um Pedagogo que concentra-se o futuro de muitos médicos, dentistas, jogadores de futebol, engenheiros, arquitetos, assaltantes de banco, catadores de papel e meninos de rua. De uma forma ou de outra o pedagogo participa da vida desses indivíduos, se será de modo negativo ou positivo, somente sua postura ética e moral é que irão determinar. O Pedagogo é responsável pela vida, pelo caminho de cada um destes

profissionais que hoje na faculdade e na sociedade nem se quer lembram que um dia passaram pelas mãos de um Pedagogo. Sendo mais que um profissional, é ser alguém que acredita na sociedade, no mundo, na vida.

PARTE II
MONOGRAFIA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAPÍTULO I

Educação Ambiental:

Construção do conceito na crítica ao capitalismo atual

A sociedade contemporânea em que vivemos precisamente o século XXI, é marcada por mudanças. Mudanças de paradigmas, mudanças culturais, sócio-econômicas e de valores, que implicam necessariamente em uma re-adaptação do indivíduo em seu meio. É valorizada por uma mentalidade capitalista, voltada para o lucro e caracterizada pelas desigualdades sociais.

Assim, são grandes os desafios para as populações futuras, visto que os frutos do capitalismo podem não ser positivos. Atualmente, tal sistema tem aumentado as diferenças, e com uma política de valorização dos meios de produção, tem incentivado um consumo cada vez mais constante, sem levar em conta a finitude dos recursos.

Dentre as mudanças, citadas no início, a mais complexa e pregnant tem sido relativa à mudança de valores, pois é nesse contexto moderno, onde a política hegemônica se caracteriza pela homogeneização, globalização, é que surge um novo paradigma, o individualismo. As pessoas estão cada vez mais voltadas para a satisfação dos seus desejos e para o seu próprio interesse. Isto pode ser visto nas atitudes humanas de consumo e também na maneira desregulada como a natureza tem sido explorada atualmente.

As transformações nunca foram tão velozes, e nunca afetaram tanto o equilíbrio sócio-ambiental e estiveram tão contraditoriamente fora do controle idealizado. O aumento da temperatura média do planeta, decorrente de atividades humanas como a combustão de petróleo, gás, carvão mineral e vegetal; a emissão de gases pelas indústrias; o desmatamento; a queimada da cobertura vegetal e o uso de fertilizantes na agricultura; A destruição da camada de ozônio pelos gases CFC's; a perda da biodiversidade, com a extinção de espécies da flora e da fauna e de ecossistemas inserem-se neste contexto dentre os vários problemas ambientais que ultrapassam as fronteiras nacionais e são tratados de forma global, pois afetam a vida de todos no planeta englobando o descontrole ambiental e o distanciamento do ideal considerado por ambientalistas e pela própria sociedade.

Remetendo-se ao que foi dito, a educação hoje, embasada no que trata a legislação, deve levar os educandos à construção de uma mentalidade crítica em relação a tudo isso e principalmente a relação entre o sistema capitalista e a destruição do meio ambiente.

Segundo Moran (2000), é necessário que a educação do futuro ensine a identidade terrena. Logo, é necessário aprender a estar no Planeta, e isso significa aprender a viver, a dividir, a comunicar e a comungar. Moran destaca que deve-se não só dominar, mas condicionar, melhorar e compreender. Sendo assim, deve inscrever em cada um:

a consciência ecológica, isto é, a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera): reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometido do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra. (MORIN 2000, p. 76)

O mau uso dos recursos naturais hoje ocorre devido o homem não se enxergar como parte da natureza, portanto também pertencente ao ciclo natural. A destruição da natureza vai conseqüentemente colocar em risco também a existência da espécie humana.

A educação deve iniciar desde cedo um trabalho voltado para a Educação Ambiental. É importante para o educando, se enxergar como parte da natureza e também se conscientizar do bom uso desta.

É importante destacar também a relação entre a degradação das condições de existência na Terra e a realidade cotidiana de muitas pessoas: longos períodos em espaços fechados submissão à rotinas que não respeitam seus ritmos próprios, não consideram seus interesses e desejos. Surge desde então o questionamento: Como aprender a respeitar a natureza se as crianças não convivem com seus elementos?

Estar ao ar livre não é uma definição, um imperativo, um princípio pedagógico, mas uma opção de cada educadora. Apesar da paixão romântica pela natureza, o que se pode perceber é um movimento no sentido de distanciá-la, provocando um descompromisso com a sua conservação. Na visão antropocêntrica, a natureza está à disposição dos humanos. Esta

visão é ensinada às crianças ocidentais desde a mais tenra infância e, certamente, alimentada pela distância a que são mantidas do mundo natural. (TIRIBA,2004,p.8)

O contexto atual, em suas varias esferas reflete isto também, a busca pelo desenvolvimento e obtenção do lucro, tem tornado as interações sociais e com a natureza superficiais. Segundo Porto-Gonçalves (2004), “desenvolver (des- envolver) é tirar o envolvimento e a autonomia que cada cultura e cada povo mantêm em seu espaço, com seu território; é subverter o modo como cada povo mantém suas próprias relações de homens entre si, e destas com a natureza”.

Tendo-se esta perspectiva, a presente monografia se baseia justamente na visão de que é necessário desconstruir a idéia e a realidade de uma vida entre paredes porque não se pode correr o risco, no processo de democratização do acesso à escola, de estender a todos este modelo nefasto. Derrubar as paredes é uma condição para que possamos refazer elos de proximidade com o mundo natural e consideração pelos desejos do corpo. Em consequência, as propostas pedagógicas e de formação de educadores precisam orientar-se por objetivos de contemplação e reverência à natureza, assim como de respeito pelas vontades do corpo, justo o que, nos humanos, é também natureza. Uma prática que condiz com isso é a adoção pelo educador, de práticas de educação ambiental, com uma vivência em contato com a natureza.

Existem várias definições de educação ambiental. Segundo Marcatto, o Congresso de Belgrado, promovido pela UNESCO em 1975, definiu a Educação Ambiental como sendo um processo que visa:

(...) formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permita trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam (...) (MARCATTO,2002, p. 14).

No Capítulo 36 da Agenda 21, a Educação Ambiental é definida como o processo que busca “desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos”.

Assim, “a educação seja formal, informal, familiar ou ambiental, só é completa quando a pessoa pode chegar aos principais momentos de sua vida a pensar por si próprio, agir conforme os seus princípios, viver segundo seus critérios” (Reigota, 1997). Tendo essa premissa básica como referência, propõe-se que a Educação Ambiental é um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, no qual as pessoas envolvidas passem a ser agentes transformadores, participando ativamente da busca de alternativas para a redução de impactos ambientais e para o controle social do uso dos recursos naturais.

A lei 9795, que dispõe sobre a Educação Ambiental, traz como sendo seus princípios básicos:

- I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.”

A partir disso, pode concluir que a Educação Ambiental vai muito além de apenas falar do meio ambiente, mas requer também uma postura ética em relação à sociedade, e a sua prática significa todo um processo de socialização voltado para a consciência ambiental.

Nesse sentido, uma escola engajada no movimento ambiental possui consciência ambiental e investe recursos em projetos de compensação pelo uso dos recursos naturais, e apoia e desenvolve campanhas e programas educativos na localidade em que está inserida.

O cuidado com a questão ética também pode ser constatado na instituição educacional que baliza suas ações em prol da proteção ambiental. Nesse sentido denominaremos dois indicadores de ação ambiental positiva numa escola:

- a) Responsabilidade frente às Gerações Futuras, compreendendo a melhoria da Qualidade Ambiental e a Educação e Consciência Ambiental;
- b) Gerenciamento do Impacto Ambiental, incluindo impacto no meio ambiente.

Partindo dos conceitos introduzidos a temática da presente pesquisa parte do pressuposto de que é muito importante para a criança desde cedo, ter conhecimento sobre o ambiente que compõe o planeta em que habita, visto que é nessa etapa que ela desenvolve suas principais potencialidades e inicia a formação do seu conceito como cidadão. Assim, ela reconhece a natureza e é também papel da escola conscientizá-la à sua preservação. Nesse sentido, a partir daqui busca com o auxílio dos textos bibliográficos consultados, demonstrar a importância e urgência da educação infantil se apropriar de noções da educação ambiental na prática pedagógica com crianças, se apropriando do privilégio de pertencer a uma das fases iniciais de socialização do indivíduo.

Busca-se nesta argumentação, a apropriação da escola do conceito da “identidade terrena” (MORIN, 2000) na aplicação da metodologia com a criança, visto que a partir de contatos constantes com a natureza e observação da mesma há a compreensão da natureza e então a construção do conceito de preservação da mesma, já que a identidade humana é também participante da natureza.

A partir do que foi discutido até agora, constata-se que a crise ambiental é sintoma de uma crise muito mais profunda. Ou seja, a crise não envolve apenas estilos de vida, padrões de consumo, projetos de desenvolvimento e pressões sociais. Por detrás de tudo isso, há um modo de produção econômico, muitas vezes, o principal responsável pela crise atual. Partindo dessa perspectiva, numa análise dialética, constata-se que deve haver uma transformação na maneira de atuação do capitalismo, para que haja um avanço na corrida pela defesa ambiental.

Desta maneira, acreditamos que a escola por ser uma instituição com muitos papéis na vida do cidadão deve contribuir para a renovação da realidade na sociedade atual. A Educação Ambiental, apresenta-se, hoje, como um modelo de educação que pode contribuir com as mudanças estruturais necessárias e prementes ao mundo, envolvendo estilos sustentáveis de vida, ética, padrão cultural e equidade compatíveis com a Sustentabilidade. Desta maneira, a educação infantil destaca-se para a implantação deste modelo, haja vista que

é o momento de inicial contato da realidade da criança e também por demandar um início, implica na construção da socialização infantil já voltada à conscientização ambiental.

A partir da literatura aplicada nesta pesquisa foi elaborada uma proposta de inclusão de uma revisão de valores éticos e individuais na aplicação da Educação Ambiental, é nesse contexto que surge a revisão ao capitalismo e a proposta de uma Economia mais voltada à valores e relações interpessoais saudáveis. A Economia Solidária surge neste contexto, tem a valorização pelo meio ambiente como uma das suas defesas capítulo seguinte vai trazer justamente a conceituação desse modo de economia, além de apresentar de que forma se relacionam as três temáticas centrais desta monografia.

CAPÍTULO 2

ECONOMIA SOLIDÁRIA: DESENVOLVENDO VALORES NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Como já dito, muitas são as mazelas que assombram a sociedade capitalista brasileira: fome, miséria, analfabetismo, violência, exploração da mão de obra, entre tantas outras que fazem milhões de pessoas se transformam em céticos, sem perspectivas de mudança e melhoras de suas atuais condições. A Economia Solidária vem funcionando como uma injeção de ânimo àqueles que já perderam a esperança, trazendo de volta a certeza de que é possível construir outras relações sociais, pautadas em novas formas de produção e consumo, onde a solidariedade e a união são fatores chaves para a conquista de uma melhor qualidade de vida.

É fundamental que os seres humanos não percam a esperança e continuem lutando, pelos seus sonhos, por uma vida melhor, mais justa e digna. Que se rebelem, não permaneçam calados para que unidos possam construir um mundo melhor. Esse é um dos propósitos da Economia Solidária: a construção de um outro mundo no qual não existam exploradores e explorados, onde a solidariedade, a cooperação, a igualdade, a união, sejam os fundamentos da convivência humana..

A Economia Solidária é uma nova forma de relacionamento econômico, uma resposta à crise do trabalho causada pelo capitalismo. Surge como uma forma de resistência às dinâmicas de exclusão social impostas pelo capitalismo.

Com a implantação do capitalismo as relações de troca entre as classes, tornam-se ainda mais individualistas passando a beneficiar apenas um grupo, não mais o todo. Nas iniciativas capitalistas apenas um ou poucos mandam. Da mesma forma ocorre com a distribuição dos lucros, que acaba indo parar nas mãos dos poucos que detém os meios de produção. Assim, o que se objetiva com o capitalismo é apenas o lucro fornecido pelo mercado, não se leva em consideração à individualidade de cada ser humano. Segundo Paul Singer (2006, p.58), as vantagens que o mercado oferece se dirigem a um público homogeneizado, ou seja, milhares de pessoas são atingidas pela exclusão social por não pertencerem a esta minoria detentora do capital.

Em contra partida ao modelo de produção capitalista, na Economia Solidária o mercado passa a ser fator de interação e companheirismo, onde as pessoas se conhecem e se vêem como iguais. Principalmente, onde se unem para criarem cooperativas e associações, que por muitas vezes trazem enraizadas em si o questionamento e a crítica ao modo de produção vigente no capitalismo. É nesse espaço organizado por iniciativas próprias que o trabalhador tem a possibilidade de auto-gerir seus negócios.

A cooperação é à base do sucesso de qualquer grupo social. Quando este grupo está buscando a produtividade é fundamental ainda que as atividades sejam definidas coletivamente, garantindo assim o direito a democracia. A Economia Solidária pressupõe uma cooperação voluntária, jamais imposta como ocorre no capitalismo, valorizando o esforço coletivo de maneira que cada um dos trabalhadores associados possam compreender e definir os rumos da produção do grupo. É através do cooperativismo que vários segmentos das camadas excluídas da sociedade conseguem manter ou ter acesso ao trabalho e a obtenção de renda. As cooperativas podem ser organizadas nos mais diferentes setores da economia, no campo e na cidade.

Na Economia Solidária o ser humano é priorizado e valorizado, garantindo assim a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas nas mais variadas regiões do mundo. Valendo-se de experiências baseadas nas mais diferentes práticas de reciprocidade e nos princípios do cooperativismo a Economia Solidária vem sendo aperfeiçoada e recriada de acordo com as características de cada povo e cada lugar. Além do cooperativismo outros elementos são essenciais a prática da Economia Solidária: a

união, a solidariedade, a participação, a organização, o trabalho coletivo autogestionário, entre outros.

A Economia Solidária difere-se fundamentalmente do capitalismo quando vê no dinheiro apenas um meio para manter e reforçar a solidariedade, enquanto no capitalismo o dinheiro é tido como fim, ou seja, o grande objetivo a ser atingido, desta forma sempre sendo permeado de relações utilitaristas. Em oposição a esse modelo competitivo e utilitarista do capitalismo, Paul Singer (2005) sugere uma economia voltada à solidariedade, onde todos cooperem ao invés de competirem entre si. Deste modo teríamos uma sociedade verdadeiramente igualitária, nos moldes cooperativistas.

Construir uma Economia Solidária em um cenário onde predomina a economia capitalista é um grande desafio. As dificuldades são muitas, desde a falta de infra-estrutura, falta de capital de giro até a comercialização dos produtos. Muitas vezes os grupos que desejam desenvolver atividades produtivas na perspectiva da Economia Solidária, apresentam grande receio de ousar, de arriscar nesse mundo tão adverso. No entanto, é justamente diante dos desafios que surge e a necessidade de buscar alternativas para enfrentá-los.

Sabe-se que é possível construir uma economia em busca do bem estar do homem, onde não há um explorador e um explorado; uma economia que pregue a autogestão e cooperação; uma economia que gere renda, produção, trabalho e ao mesmo tempo respeite o trabalhador e o consumidor; uma economia que invista no ser humano e no desenvolvimento local. É possível construir uma sociedade assim desde que haja uma unicidade entre as pessoas em busca destes objetivos.

Esse sentimento de impossibilidade e invisibilidade da economia solidária decorre do fato desta ser pouco reconhecida especialmente em nosso país. Diante de tais constatações é importante salientar que a economia solidária não surgiu no Brasil como num passe de mágica, mas sim de um processo de construção histórica. Como já sabemos um dos principais motivos originários da economia solidária foi à necessidade de as pessoas sobreviverem à exclusão social imposta pelo sistema produtivo capitalista vigente em nosso país.

Na segunda metade dos anos 70, com a desindustrialização do Brasil, milhões de brasileiros viram-se desempregados. Diante de tal quadro a população unida ou de forma individual foi à luta em busca de trabalhos alternativos para garantir seu sustento, em consequência de tais mobilizações ocorre uma intensificação das iniciativas solidárias.

Paul Singer destaca também, a fundamental participação de outras entidades para além da mobilização dos desempregados:

A reinvenção da economia solidária não se deve apenas aos próprios desempregados e marginalizados. Ela é obra também de inúmeras entidades ligadas, ao menos no Brasil, principalmente a Igreja Católica e a outras igrejas, a sindicatos e a Universidades. (PAUL SINGER, 2006, p.112).

Dentre estas entidades que contribuíram com o desenvolvimento da economia solidária no Brasil podemos destacar a Cáritas, entidade vinculada à Conferência Nacional de Bispos de Brasília (CNBB). Esta entidade foi responsável pelo financiamento de milhares de pequenos projetos denominados, Projetos Alternativos Comunitários, no ano de 1980.

Surgem no contexto nacional importantes marcos ligados a reinvenção da Economia Solidária. No anos de 1989 e 1990 ganha destaque a criação do Sistema Cooperativista dos Assentados; também merece destaque a criação, em 1991, da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária ,assim como a criação da União e Solidariedade das Cooperativas do Estado de São Paulo.

Em 1999, de uma parceria entre a Central Única de Trabalhadores (CUT), a Untrabalho e o Departamento de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), criou-se a Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS). Em 2001, foi lançada a Rede Brasileira de Sócio-Economia Solidária, uma rede eletrônica que visa uma maior interação de notícias e opiniões ligadas a Economia Solidária.

Segundo Paul Singer, 2006, outro importante marco da Economia Solidária no Brasil são as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS). Estas Incubadoras são vinculadas desde 1999 a Fundação Untrabalho, que por sua vez reúne mais de 80 entidades universitárias, tendo por objetivo apoiar empreendimentos de natureza social, buscando desenvolver a competência, a sustentabilidade e a competitividade empreendedora e profissional para essas organizações. No Distrito Federal, a Universidade de Brasília (UnB) é uma das universidades responsáveis por esta ITCPS na região.

Pensar a Economia Solidária no contexto do Distrito Federal pressupõe a análise de alguns aspectos relevantes desta região. Primeiramente engana-se quem acredita que no

Distrito Federal não há desigualdades e exclusão, basta sair do Plano Piloto o grande centro da capital e dar uma volta pelas cidades satélites. Logo constataremos que quanto mais distante do centro do poder piores serão as condições socioeconômicas da população.

O Distrito Federal, como qualquer metrópole, apresenta altos índices de violência e desemprego e, diante de tantas divergências torna-se inquestionável a necessidade de criar mecanismos e alternativas econômicas para sobrepor-se a tais problemas.

Esse avanço da Economia Solidária no Distrito Federal mexe com as bases sociais e serve de incentivo a outros governos que também se identificam com as questões populares. Fomentando a criação de políticas públicas governamentais voltadas para a organização desse setor econômico solidário, para além do Distrito Federal. O Distrito Federal vem ganhando destaque no cenário da Economia Solidária, principalmente através da realização e participação em eventos, sempre contribuindo com exemplos de experiências de sucesso.

Este breve histórico não contempla a história da economia solidária em sua totalidade, uma vez que neste exato momento outras iniciativas de economia solidária devem estar sendo desenvolvidas, mas nos permite vislumbrar um pouco do que é a economia solidária e como está vem sendo implementada.

Diante deste quadro traçado sobre a Economia Solidária, que reafirma uma história de lutas marcada por conquistas, muitos devem se questionar por que a Economia Solidária ainda não se consolidou em todo o país. Muitos são os pressupostos, mas uma das alternativas apresentadas com maior frequência para a consolidação da Economia Solidária seria implantar mais mecanismos que garantissem a visibilidade institucional da mesma, como fóruns conferências distritais e nacionais.

Definir as principais prioridades que dizem respeito à Economia Solidária são importantes práticas na elaboração de políticas públicas e de programas nessa área. Também é de suma importância apontar os mecanismos fundamentais ao controle da execução dessas políticas que foram elaboradas. Outro desafio Economia Solidária é o fortalecimento do apoio entre as entidades de assessoria que praticam a economia solidária entre si e os fóruns de economia solidária, a fim de sensibilizar estas entidades para que elas tenham efetiva participação nos fóruns. Outra perspectiva a qual deve se buscar é a ênfase nas trocas solidárias e no consumo ético.

A Economia Solidária é de fundamental importância para o despertar e levantar político e social do trabalhador, conscientizando-o de que a proposta de economia defendida

pelo sistema capitalista jamais incluiria a todos, sem submetê-los a condições de marginalização e discriminação.

Diante destas perspectivas de exclusão do trabalho e da educação impostas pelo capitalismo não poderíamos deixar de considerar então, que sempre existirão demandas de pessoas em busca de seus direitos de falar e ouvir, pessoas em busca de cidadania. É isso que Economia Solidária vem propor, ou seja, uma outra forma de economia, ou melhor, vêm resgatar uma economia mais antiga que tem por base princípios solidários e de cooperação.

Nesta perspectiva, que a presente monografia pretende desenvolver sua concepção de Educação Ambiental, ou seja, não basta apenas ensinar à criança sobre seu papel na natureza, mas é preciso também desenvolver com ela uma prática social de combate às mazelas do capitalismo, ou seja, deve-se desenvolver com ela um trabalho de valores e práticas de solidariedade e principalmente de negação ao individualismo, pois a preservação da natureza só ocorrerá na medida em que os seres humanos deixarem de pensar apenas em si, para reconhecer todos os outros seres que habitam no planeta.

Para que o homem tome a atitude correta perante o meio ambiente faz-se necessário estimular o desenvolvimento e a manifestação de características que possibilitem a formação de valores morais pelo sujeito e que possam contribuir para a transformação da situação atual. Valores esses, que possam suscitar a reflexão para que o homem repense e modifique suas atitudes perante si, o próximo e a natureza.

De acordo com Puig (1998), um dos motivos de se dedicar à educação para a formação de valores reside no fato de que na atualidade as situações-problemas mais relevantes que se apresentam à humanidade, não são aquelas “que tenham uma solução exclusivamente técnico-científica, mas sim situações que precisam de uma reorientação ética”. O autor cita como problemas, dentre outros, as relações do homem com seu ambiente natural e urbano e com seu substrato biológico. Ou seja, para que os problemas ambientais cessem, não bastam soluções tecnológicas, mas uma mudança na construção de valores pelos sujeitos. Propõe-se assim, uma educação que não seja mais uma disciplina no currículo, mas que seja pautada no diálogo, na busca de contratos de convivência. Uma educação voltada para a construção de personalidades morais, que tenham como princípios as virtudes: responsabilidade, justiça, confiança, solidariedade, honra, compromisso, iniciativa, generosidade e respeito. Construção de valores, e não imposição. É esse o objetivo da Educação em Valores e da Educação Ambiental. A união de ambas justifica-se para fomentar cidadãos capazes de compreender as conexões existentes no meio ambiente, que todos estão interligados, e assim, estabelecer uma relação de respeito para consigo, com o próximo e com o meio ambiente.

Conforme Dias(2003) a educação ambiental tem como um de seus principais objetivos contribuir “na busca de uma nova ética fundada no respeito à natureza, ao homem e à sua dignidade, ao futuro e na exigência de uma qualidade de vida acessível a todos, com um espírito geral de participação”.

A intenção aqui foi mostrar que o desenvolvimento de virtudes, como a solidariedade, a honra, o respeito entre outras, podem ser fundamentais para a formação moral de sujeitos comprometidos com o meio ambiente. No próximo capítulo, vou apresentar minha crítica à educação infantil, e também elaborar a proposta embasadora da presente monografia.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO INFANTIL

Atualmente, verifica-se a existência de diferentes tendências relativas ao nível inicial da educação infantil. Uma, defende a acolhida de crianças nas instituições desde muito cedo, ainda antes de ela completar um ano de idade, como consequência das exigências de realização pessoal das mães e dos ganhos da educação coletiva. Essa atitude se intensifica cada vez mais nos últimos tempos a partir das conquistas obtidas pelos movimentos feministas. Outra tendência é a de prolongar a licença maternidade, mantendo em casa a mulher com vistas a proporcionar à criança um desenvolvimento, que, na perspectiva psicanalítica tradicional, aumentaria as possibilidades de formar um adulto equilibrado e feliz.

No caso brasileiro, prevalece a primeira tendência, em virtude de haver um número cada vez maior de mulheres, de todos os estratos sociais, procurando instituições que recebam seus filhos, por razões diversas, destacando-se, principalmente, suas ocupações profissionais. Mas independente de qualquer coisa, a Educação Infantil é uma fase essencial da aprendizagem, é nela que a criança deve entrar em contato com o conhecimento. Podem ser constatados inúmeros benefícios para as crianças que atendem a esta etapa da educação, como a redução da mortalidade nesta faixa etária, maior desenvolvimento cognitivo, maior tempo de permanência na escola, redução de repetências e de abandono da escola e até mesmo maior aquisição de vocabulário, devido à convivência desde cedo em diferentes ambientes. A LDB relata isso, quando insere a educação infantil na educação básica, como sua primeira etapa, ou seja, é o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, afirmada no Art. 22 da Lei: *“a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar – lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer – lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”*.

A educação infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistente nas legislações anteriores. É tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o

desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art.31 Na educação infantil a avaliação será feita mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Da leitura desses artigos, pode-se inferir a necessidade de que a educação infantil promova o desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos, de forma integral e integrada, constituindo – se no alicerce para o pleno desenvolvimento do educando. O desenvolvimento integral da criança na faixa etária de 0 a 6 anos torna – se imprescindível a indissociabilidade das funções de educar e cuidar. Além disso, sendo a ação da educação infantil complementar à da família e à da comunidade, deve estar com essas articuladas, o que envolve a busca constante do diálogo com as mesmas. Mas também implica um papel específico das instituições de educação infantil no sentido de ampliação das experiências, dos conhecimentos da criança, seu interesse pelo ser humano, pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

No cumprimento dessas expectativas, o educador deve conhecer as fases de desenvolvimento da faixa etária com a qual trabalha e estimular ao máximo seus alunos para que construam seus conhecimentos.

Uma das questões da Educação Infantil hoje se remete justamente à falta de coerência entre o que diz a lei e o que ocorre na prática. Este campo pedagógico não tem contemplado suficientemente a especificidade da educação da criança pequena e não tem se mostrado consoante com a vida moderna. Apesar de a LDB propor um desenvolvimento integral nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, muitas vezes os educadores se prendem a uma rotina, e não exploram todo o contexto social que se constrói ao redor da criança.

Barbosa (2001) cita Bernstein, o qual realizou vários estudos sobre a socialização das crianças na escola, sendo algumas dessas pesquisas realizadas em pré-escolas. Bernstein concluiu que existem duas importantes concepções de pedagogias as quais denominou de visíveis e invisíveis (Barbosa, 2001).

Para exemplificar essas pedagogias ele descreve a execução de uma atividade pedagógica – a pintura - em duas pré-escolas com propostas pedagógicas diferenciadas. Numa delas, as crianças sentam-se em filas, o professor distribui desenhos padronizados, dá seis lápis de cor e pede a elas para pintarem as figuras. O professor interfere, perguntando: de que cor é mesmo tal coisa? O professor exerce sua função explicitamente, o lugar que as crianças ocupam já está previamente definido, a sequência da atividade já é conhecida e as crianças sabem quais são seus limites e possibilidades.

Em outra pré-escola, mais parecida com as idealizadas e preconizadas nos nossos dias, a situação é diferente: as crianças têm folhas grandes de papel, escolhem as cores, o professor apóia e age de modo indireto, realizando uma pedagogia invisível que é criada “por uma hierarquia implícita, por regras de sequência implícitas e critérios implícitos, múltiplos e difusos” (Barbosa apud Bernstein, 1986, p.184). Nas pedagogias invisíveis, o controle dos professores não está claro, estes criam um ambiente que a criança irá recriar tendo aparentemente largos poderes sobre o que seleciona e como o estrutura, bem como sobre a escala de tempo das suas atividades.

Barbosa (2001), continua, demonstrando sob a perspectiva de Bernstein como as pedagogias invisíveis centram sua atenção no conhecimento do educador em relação aos estágios do desenvolvimento das crianças, na sua prontidão, nas atividades e nos jogos. O professor observa as ações das crianças, reflete sobre isso e propõe novas atividades.

Para Bernstein, tanto as pedagogias visíveis como as invisíveis operam com conceitos como tempo, espaço e controle social. Nas pedagogias visíveis, a progressão das transmissões estão ordenadas no tempo e por regras explícitas. Nas invisíveis, as progressões temporais

dependem das teorias de desenvolvimento interno, dos campos cognitivo, motor e afetivo, e os conteúdos são decididos coletivamente. Em uma as crianças sabem o que se espera delas, na outra, não. Quanto ao controle social nas pedagogias visíveis, a hierarquia é explícita, as regras são apresentadas e com elas as punições. Os princípios da ordem devem ser aceitos, não sendo necessário compreendê-los. Nas invisíveis, o controle é inerente a uma elaborada comunicação interpessoal, o contexto é de vigilância, e, a criança fica exposta em sua subjetividade, sendo, muitas vezes, maior o poder e o controle.

Apesar das rotinas pedagógicas parecerem encaixar-se, com maior facilidade nas pedagogias visíveis, elas também estão presentes nas propostas pedagógicas das pedagogias invisíveis. Isso acontece porque as instituições educacionais como um corpo social delimitado, com uma ordem social e moral, necessita assegurar a sua continuidade por meio de rituais bem definidos (Barbosa, 2001).

Assim, partindo disso, questiona-se até que ponto essa maneira de atuação não vai prejudicar a expansão da atuação do próprio educador. Na medida em que se fica preso à seguir regras predispostas e impor-las aos educandos, retira-se a oportunidade de inovar, fato este que só tem a contribuir para a expansão do conhecimento. As crianças têm hora para lanche; hora para brincar, enfim, apesar do objetivo maior que é a manutenção da ordem, torna-se necessário visualizar nessa ação uma contenção da livre expressão. É uma prática educacional constituída com base em uma política social e cultural que está profundamente vinculada à emergência e à vida concreta das instituições da modernidade. As sociedades modernas ocidentais caracterizam-se, prioritariamente, por serem disciplinadoras e normalizadoras. Ou seja, nesse contexto de capitalismo, a manutenção da ordem é quesito essencial para o aumento da produção e conseqüentemente do lucro.

Baseando-se num modelo taylorista e fordista, a escola se utiliza de todos os recursos para comprovar que está conseguindo cumprir o que se espera dela e no tempo mínimo, ou seja, a sociedade atual está tão impregnada pelo sistema, que até as escolas têm adotado algumas práticas no seu agir pedagógico.

Logo, questiona-se de que maneira essa prática pedagógica que vem sendo aplicada atualmente vai agir no sentido de construir uma educação política desde cedo, na Educação Infantil, para a formação de cidadãos? Nesta perspectiva que surge a importância de se trabalhar a educação ambiental com crianças.

O homem age de forma inadequada para com o planeta. Suas ações de degradação estão deixando-o doente, acabando com os recursos naturais disponíveis, gerando situações-problema que os mais avançados recursos tecnológicos podem não ser capazes de resolver.

Jacobi relata que as principais causas da condição na qual o planeta se encontra podem ser “atribuídas às instituições sociais, aos sistemas de informação e comunicação e aos valores adotados pela sociedade. Partindo desse pressuposto, não basta só investir numa educação voltada para o conhecimento-razão, é preciso que o homem reveja seus valores, atitudes, princípios, para que possa olhar o planeta e não vê-lo só objetivamente, como quem vê um objeto que pode ser usado e jogado fora, mas que possa olhar com outros olhos, de quem se encanta com tamanha magnitude, beleza e perfeição.

As leis que tratam da questão ambiental frisam a inclusão da educação ambiental no ensino regular, como a Política Nacional de Meio Ambiente: “educação ambiental a todos os níveis do ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente”. A Carta Magna Brasileira estabelece que é competência do Poder Público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento oficial elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998, é composto por três volumes e em nenhum deles o termo *educação ambiental* aparece. Vale ressaltar que o RCNEI integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, voltado para auxiliar o trabalho do professor das instituições de educação infantil sendo um guia na elaboração de projetos educativos.

O terceiro volume possui um eixo de trabalho que engloba a questão ambiental, mas não cita a educação ambiental em momento algum. Este eixo, denominado “Natureza e Sociedade”, reúne temas pertinentes ao mundo social e natural (Ciências Humanas e Naturais). Embora se possa entender que neste eixo as questões ambientais poderiam ser contempladas, não se pode afirmar que atenderiam as questões de educação ambiental propriamente dita. No primeiro volume, onde se encontra os *objetivos gerais da educação infantil*, vê-se que a preservação do meio ambiente está presente: “observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação”, corroborando com a definição de educação ambiental estabelecida na Política Nacional de Educação Ambiental, que sustenta que “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e

competências voltadas para a conservação do meio ambiente”, que é um “bem de uso comum do povo”, e é “essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

Percebe-se que ambas falam na conservação do meio ambiente, portanto, o que o RCNEI prega está de acordo com o que a PNEA estabelece. Um dos objetivos específicos para crianças de 4 a 6 anos, previstos no terceiro volume, dentro do eixo Natureza e Sociedade é “estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana” Percebe-se que a questão da preservação está presente no RCNEI, entretanto nota-se uma falha neste documento ao deixar de incluir em seu texto clara e objetivamente a educação ambiental, ficando esta de forma implícita no texto. Ressalta-se que o RCNEI foi publicado em 1998, enquanto que a PNEA foi promulgada no ano seguinte, porém tanto a Constituição Federal de 1988 quanto a Política Nacional de Meio Ambiente promulgada em 1981 já estabeleciam educação ambiental a todos os níveis do ensino, portanto pela cronologia das Leis não se justificaria a ausência da educação ambiental no RCNEI.

O volume dois contém o eixo de trabalho que privilegia os processos de construção da identidade e autonomia das crianças. Logo na introdução o RCNEI afirma que “a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas”. Afirma ainda que o “desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização”, portanto as instituições de educação infantil podem contribuir com tais processos pois “se constituem, por excelência, em espaços de socialização” e o trabalho desenvolvido nessas instituições pode “criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, idéias, costumes e papéis sociais”.

A relevância de o RCNEI tratar deste assunto de acordo com a obra de Piaget está no fato de que, para este autor, é no estágio pré-operatório (que vai aproximadamente dos 2 aos 7 anos de idade) que ocorre “a introdução ao mundo da moralidade, ou seja, nesta fase a criança entra no mundo dos valores, das regras, das virtudes e das noções de certo e errado”. Dessa forma, a educação infantil torna-se local de suma importância para o trabalho com valores. Quando o RCNEI trata de seus objetivos, também se pode verificar que ali estão subentendidos os conceitos difundidos por Piaget. No primeiro volume, mais especificamente nos *objetivos gerais da educação infantil*: “estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração”. No segundo

volume, nos *objetivos* para *crianças de zero a três anos*: “experimentalizar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia”. E nos *objetivos* para *crianças de quatro a seis anos*: valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências; identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e a diversidade que os compõe.

Nesses objetivos estão presentes palavras-chave que remetem aos ensinamentos de Piaget, tais como: respeito, ajuda, colaboração, autonomia, cooperação, solidariedade e regras. Para ir ao encontro de seus objetivos, na proposta dos *conteúdos* para serem trabalhados com *crianças de zero a três anos* está presente o “Respeito às regras simples de convívio social” explicitado da seguinte forma: as interações de diferentes crianças, incluindo aquelas com necessidades especiais, assim como com conhecimentos específicos diferenciados, são fatores de desenvolvimento e aprendizagem quando se criam situações de ajuda mútua e cooperação. As características de cada criança, seja no âmbito afetivo, seja no emocional, social ou cognitivo, devem ser levadas em conta quando se organizam situações de trabalho ou jogo em grupo ou em momentos de brincadeira que ocorrem livremente. Enquanto que, na proposta dos *conteúdos* para o trabalho com *crianças de quatro a seis anos* incluem: Participação na realização de pequenas tarefas do cotidiano que envolvam ações de cooperação, solidariedade e ajuda na relação com os outros; respeito às características pessoais relacionadas ao gênero, etnia, peso, estatura etc.; respeito e valorização da cultura de seu grupo de origem e de outros grupos; conhecimento, respeito e utilização de algumas regras elementares de convívio social. participação em situações que envolvam a combinação de algumas regras de convivência em grupo e aquelas referentes ao uso dos materiais e do espaço, quando isso for pertinente. Ainda para essa mesma faixa etária é ressaltado o trabalho com atividades que favoreçam o desenvolvimento da cooperação, a interação possível “pode ser desenvolvida por meio de atividades em grupo em que cada criança desempenha um papel ou tarefa para a realização de um objetivo comum”. Quanto ao professor, o documento afirma que ele deve atuar “como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem”, possibilitando a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros.

A coação é o tipo de relação predominante e representa uma etapa obrigatória na vida da criança, pelas relações estabelecidas entre adulto/criança, mas as relações de cooperação devem ser estimuladas nesta mesma fase da vida uma vez que, para Piaget a cooperação tem início nas relações entre as crianças, pois entre elas não há hierarquias preestabelecidas, elas se concebem iguais umas às outras.

Percebe-se também que o termo respeito aparece várias vezes. Isso indica sua importância para o desenvolvimento da autonomia moral pela criança, que se dá com a passagem das relações de coação para a cooperação. Sobre esse aspecto da teoria piagetiana, Tognetta e Assis afirmam que, “a cooperação é fruto do sentimento de respeito mútuo, só possível em posições de igualdade entre os sujeitos”. Portanto ao “propor o respeito mútuo, Piaget se referia também às relações com os adultos. O respeito mútuo entre uma criança e um adulto pressupõe a diminuição de qualquer autoridade”.

O RCNEI, ao apresentar-se embasado pela teoria piagetiana, privilegiando atividades que despertem as relações de cooperação e conseqüentemente o respeito mútuo, parece acertar o caminho para o longo percurso da construção da moral autônoma pelo sujeito.

3.2. A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA PRÁTICA COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Escolher uma concepção de Educação é portanto uma decisão que referenciará uma práxis educativa. No mesmo sentido de práxis educativa, Moacir Gadotti define a pedagogia da práxis como *"a teoria de uma prática pedagógica que procura não esconder o conflito, a contradição, mas, ao contrário, entende-os como inerentes á existência humana, explicita-os e convive com eles. Ela se inspira na dialética"* (GADOTTI, 2005, p. 239). Em nosso caso particular, acredita-se que uma forma de se alcançar os objetivos da Sustentabilidade e romper com as mazelas do Capitalismo é optarmos por um novo modelo de Educação, ou seja, uma Educação Transformadora. Partindo da idéia de que a prática no processo educativo vai contribuir para o alcance desta educação transformadora. Assim, nesta perspectiva que foi desenvolvida a minha pesquisa empírica.

CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A escola escolhida para a realização da pesquisa, o Colégio São Carlos localiza-se na 905 sul, existe há 46 anos e é caracterizado essencialmente por uma educação baseada num conceito cristão e numa acolhida personalizada ao aluno. Prega-se que independente de como o aluno se apresenta, a escola está apta para recebê-lo e se adequar às suas necessidades.

3.2.1. História

Primeiramente, foi construída a residência das Irmãs, com acomodações para um pequeno pensionato para moças - “Pensionato São Carlos”. A 10 de março de 1963 começou a funcionar junto ao pensionato a “Escola São Carlos”, destinada à Pré-Escola e Primário.

Em 1968, a escola passou a funcionar em seu prédio definitivo. Em 1969, a educação torna-se uma prioridade nas atividades das missionárias e o pensionato é extinto. Em 1973, as 5^{as} séries são inauguradas e, até 1976, todas as demais séries do 1 Grau, hoje chamado de Ensino Fundamental. Atendendo ao pedido dos pais, em 2002 é implantado o Ensino Médio.

Hoje, conta com poucos alunos, em turmas que vão desde o maternal até o 9º ano. Nos últimos anos, sofreu uma perda crescente de alunos devido mudanças administrativas e até mesmo qualitativas. Abaixo, segue o quadro da quantidade de alunos por turma:

| Número de Alunos | |
|------------------|----|
| MATERNAL I | 6 |
| MATERNAL II | 10 |
| JARDIM I | 9 |
| JARDIM II | 9 |
| 1º ANO | 8 |
| 2º ANO | 7 |
| 3º ANO | 16 |
| 4º ANO | 14 |
| 5º ANO | 7 |
| 6º ANO | 9 |
| 7º ANO | 6 |

| | |
|--------|----|
| 8º ANO | 18 |
| 9º ANO | 4 |

3.2.2 Organização Pedagógica

A escola me apresentou seu projeto pedagógico, a proposta da escola é simples, curta e de fácil leitura. Um tanto repetitiva, ela nos traz a informação de que a instituição inspira-se na teoria construtivista. Logo, toda a proposta é voltada para o desenvolvimento do sujeito por meio de suas ações e interações sociais. Todas as atividades propostas visam a um maior conhecimento da criança sobre si mesma e incentivam ao máximo sua relação com o outro e com o seu meio. Tudo isso tem por objetivo desenvolver um caráter crítico na criança, para que assim ela conheça melhor o seu mundo e seu contexto sócio-cultural. Seus princípios pedagógicos são os seguintes:

- A formação integral: O processo educativo está direcionado para contribuir para a formação integral do aluno, trabalhando simultaneamente, a formação científico - cultural, a formação político-social-cristã para o exercício da cidadania universal, a formação profissional visando a formação das competências e valores definidos.
- O compromisso social: A educação é considerada na sua dimensão problematizadora e potencialmente transformadora da realidade social, questão que se expressa em concepções e ações educativas, que privilegiam a consolidação da identidade nacional e o compromisso com o desenvolvimento econômico, social, religioso e cultural do mundo.
- A relação teoria-prática: O desenvolvimento do pensamento teórico e a construção do conhecimento científico constituem função relevante da educação escolar. Para cumprir a função essencial da educação escolar.
- O ensino individualizado: A capacidade de perceber que o sujeito é único ao aprender, pois o processo de aprendizagem está inserido na sua subjetividade.
- A comunicação como diálogo: O diálogo se constitui como principal espaço de aprendizagem. É nesse espaço interativo que são gerados os processos de significação e sentido que resultam no aprendizado.

Não há um conselho escolar formalmente formado. Há uma diretora, duas coordenadoras pedagógica (uma de Educação Infantil e outra de ensino fundamental I e II) e uma orientadora, as quais tomam as decisões na escola no quesito pedagógico. No âmbito administrativo, toda a responsabilidade cabe às irmãs da congregação scalabrinianas. Não há associação de pais nem grêmio de alunos.

Alguns professores da escola são filiados ao sindicato (SINPROEP - Sindicato dos Professores de Escolas Particulares). Os que quiserem se filiar podem e o dinheiro que deve ser recolhido e depositado para o sindicato é recolhido pela própria escola. Para as auxiliares, há o SAEP (Sindicato de Auxiliares das Escolas Particulares), mas apenas uma auxiliar é filiada a tal sindicato.

3.2.3 Perfil socioeconômico dos estudantes

A maioria dos alunos são moradores da Asa Sul, Guará e Sudoeste. A condição econômica é boa: todos os alunos são de classe média ou alta. A maioria dos pais é servidor público.

3.2.4 Formação dos professores

Todos os professores são formados, mas a maioria por instituições privadas. O salário é baixo, mas eles completam a renda com a do cônjuge, ou dependem financeiramente dos pais, ou trabalham em outro lugar. O horário vai das 7h 15 min às 12h 15 min.

3.2.5. Sobre a Turma Pesquisada

O processo de aprendizagem começa ainda fora da escola e inicia-se desde muito cedo. Por isso quando iniciamos o trabalho com a Educação Infantil, a preocupação primordial é identificar o que os alunos já sabem, assim teremos condições de planejar ações e intervenções que condigam com as dificuldades dos mesmos, até porque ensinar o que já sabem se constitui em prática vazia.

Como já disse na metodologia, ações foram desenvolvidas com base em oficinas temáticas caminhando no sentido, de apresentar aos educandos algo novo. Os educandos demonstram grande satisfação em realizar as atividades propostas, por isso sempre permitimos aos mesmos que fizessem as atividades com bastante autonomia, como forma de incentivá-los a se perceberem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

Para desenvolver as Oficinas Temáticas escolhi a turma de Maternal I. Turma na qual atuava como estagiária janeiro de 2009.

A turma de maternal II conta com 10 alunos, sendo 6 meninas e 4 meninos. Todos têm 3 anos de idade..

Em relação ao contexto sócio-econômico da turma, a maior parte dos alunos é de classe média e vivem na Asa Sul. Abaixo segue quadro demonstrando algumas características sobre cada aluno:

| Nome | Profissão da mãe | Profissão do pai | Local onde mora |
|---------------|-------------------------|--------------------------------|-----------------|
| Ana Julia | Servidora pública | Servidor Público | Asa Sul |
| Ana Luiza | Dona de casa | Acessor parlamentar | São Sebastião |
| Felipe | Servidora Pública | Servidor Público | Asa Sul |
| Mariah | Servidora Pública | Dono de Concessionária | Asa Sul |
| Sophia | Nutricionista | Funcionário do Banco do Brasil | Park Way |
| Samuel | Engenheira Agrônoma | Engenheiro Agrônomo | Asa Sul |
| Miguel | Dona de Casa | Bancário | Asa Sul |
| Vinícius | Coordenadora pedagógica | Policial Militar | Taguatinga |
| Valentina | Acessora parlamentar | Servidor Público | Park Way |
| Maria Eduarda | Psicóloga | Professor | Asa Sul |

Ao longo dos trabalhos desenvolvidos pude constatar que o número de alunos é razoável para se realizar um trabalho de qualidade. A sala de aula contribuiu também para um ambiente educador, mas o foco das atividades era o ambiente externo à sala de aula.

A importância das oficinas se configura justamente na construção de um espaço mais consistente e sistematizado de reflexão onde os alunos tiveram a oportunidade de experimentar uma maior liberdade de escolhas, a começar pelas perguntas que direcionei a eles e também pela forma como administrei as relações inter-pessoais.

Por essa lógica estaríamos resgatando também, princípios essenciais da convivência harmoniosa em grupo. Outro aspecto positivo das Oficinas diz respeito ao favorecimento do trabalho coletivo, numa perspectiva de redução de uma visão individualista que tende a ir se fortalecendo ao longo do percurso escolar.

3.2.6. Planejamento dos Encontros Pedagógicos

Durante a construção desse trabalho busquei lançar um olhar crítico sobre a minha prática enquanto educadora, inserida em um contexto específico da realidade escolar da turma. Para tanto, busquei aplicar com as crianças conceitos e práticas os quais, devem ser por elas aplicado no seu dia-a-dia, de maneira de fácil entendimento e sempre buscando refletir a crítica que manifestei a respeito da não manutenção de uma educação infantil restrita ao ambiente da sala de aula.

Na primeira Oficina temática realizei uma breve apresentação do trabalho que iria ser desenvolvido. Em seguida partimos para uma investigação temática das concepções dos educandos a cerca do que entendem por natureza. Desde o primeiro encontro, busquei refletir nos educandos o conceito de “Natureza Terrena” traduzido por Moran, desta maneira, inicio com o aspecto geral da Natureza que é o próprio Planeta em que vivemos, e logo após, vou afinando as concepções a fim do próprio reconhecimento do educando como parte integrante da natureza.

Com a problematização da temática Natureza, busquei propiciar aos educandos os mecanismos necessários para que pudessem reformular criticamente suas concepções e certezas a cerca do tema. Assim, em cada oficina aplicava uma atividade a fim de reconhecer dos educandos qual implicação do que foi ali exposto na concepção da criança, comparando com as perspectivas anteriores à intervenção.

Por fim, nas três últimas oficinas, trato alguns temas relacionados à reciclagem e reflorestamento, remetendo nesse momento à construção da cidadania e também negação ao individualismo, apresentando à criança a importância da sua conscientização para o futuro das gerações futuras.

3.2.7 Análise e Aplicação das Oficinas Temáticas

OFICINA 1

O Planeta em que Vivo

Objetivos: Desenvolver a compreensão do conceito de planetas; apresentar o Planeta Terra como o nosso planeta.

Metodologia: Em rodinha, apresentar aos alunos a foto de vários planetas. Investigar a noção de cada um sobre como é um planeta. Por fim, perguntar qual é o Planeta Terra e se eles conhecem esse planeta e quem mora lá.

Avaliação: Após o descanso, perguntar a cada um como se deve ajudar o Planeta Terra. Explicar que ele muitas vezes precisa de nossa ajuda, assim como um quebra-cabeça que precisa da gente para montá-lo. Após mostrar novamente a imagem do Planeta Terra, pedir que montem o quebra-cabeça do Planeta.

O primeiro encontro realizado com os alunos teve como principal objetivo fazê-los compreender o que é um planeta, qual a sua forma e em qual planeta moramos. O conhecimento prévio trazido pelos alunos foi fundamental no desenvolvimento das atividades. Primeiramente, seguindo as regras da escola, realizei a acolhida com os alunos, e já introduzi o assunto pedindo que cada aluno olhasse bem no céu e me falasse o que estava vendo. É interessante notar a capacidade de visão ampla da criança. Alguns viram somente o céu, outros viram o sol, um avião, um pássaro. Nesse primeiro momento durante a oração, agradei por toda a natureza e pedi que repetissem a oração comigo.

Após a acolhida, fui com os alunos para a sala, e pedi que fossem para a rodinha. Propus que ficássemos em outro lugar que não o de costume. Após cada aluno se sentar. Comecei a investigá-los sobre o nível de compreensão do Planeta Terra. Perguntei como era um planeta, e com o auxílio de fotos pedi que me mostrasse qual era o planeta Terra. Todos tiveram facilidade em encontrá-lo e responderam que os planetas são redondos. É interessante observar, que eles logo descobriram o planeta Terra na imagem, devido às cores. Destacaram que o Planeta Terra era o que tinha azul claro com azul mais escuro.

Após esse primeiro momento de investigação, dei continuidade à rotina, a higiene, o lanche e o recreio. Analisando-os durante o recreio, percebi que a interação dos alunos com o meio não é positiva. Não têm noção de dividir o seu espaço com o outro e não respeitavam as limitações impostas pela natureza. Pisavam nas plantas e arrancavam umas que haviam ido plantadas recentemente.

Após o descanso, voltando para a sala dei continuidade à atividade planejada. Levei um quebra-cabeça do Planeta Terra e montei com eles. Considerei a atividade como mal sucedida pelo fato, da dificuldade que eles tiveram para montar. O tempo foi pouco e não pude aprofundar muito na investigação com eles sobre como podemos ajudar a reconstruir o nosso planeta. Do pouco que dialoguei com eles, percebi na fala das crianças que o Planeta Terra está bonito e que eles não modificariam na da nele. Iniciei a investigação, perguntando se eles achavam o planeta Terra bonito ou feio. Foi unânime a resposta de que o ele era bonito; após esse momento instiguei se eles mudariam alguma coisa. Responderam apenas, que queriam que no planeta Terra tivesse mais “brinquedos para as pessoas brincarem”.

Como disse, devido à má administração do tempo, não pude aprofundar muito na temática a ser discutida. Mas o que pude notar na fala das crianças é uma superficialidade sobre o conceito de Planeta Terra, e na mente deles, eles, a natureza e a Terra aparecem como três coisas dissociadas e que ocupam lugares distintos no espaço.

OFICINA 2

Conhecendo meu Planeta

Objetivo: Introduzir os elementos que compõe o Planeta Terra

Metodologia: Vídeo sobre a Terra.

Avaliação: Com o auxílio de um planeta desenhado em cartolina, pedir que cada um desenhe alguma coisa que tem na Terra.

No segundo encontro, procurei desenvolver uma temática abordada no primeiro momento. Busquei mediar com os alunos a noção de que eles estão no Planeta Terra, vivem aqui e ele é formado por toda a natureza também. Após a acolhida, passei aos alunos um vídeo, onde a própria Terra conta a sua história. Em formato de desenho animado, é apresentado às crianças tudo o que compõe a Terra: as plantas, os animais e principalmente os seres humanos.

Após esse momento, iniciei a investigação com os alunos reconhecendo qual noção o vídeo lhes trouxe. O que pôde ser notado foi a sustentação de que eles moram no Planeta Terra. Investiguei onde eles moravam, e eles falaram que moravam na casa deles, então provoquei onde ficava a casa deles, depois de repetidas vezes que perguntei, a aluna Sofia, destacou que tudo ficava no Planeta Terra.

Após o recreio, pedi que cada um desenhasse alguma coisa que morava no Planeta Terra. Foi importante destacar, que a maioria dos alunos desenharam coisas que foram trazidas pelo filme, como as plantas, animais, apenas uma aluna desenhou a sua casa.

Após esse momento, avaliei como válido a passagem do filme, pois foi com ele que os alunos ampliaram sua visão de elementos que compõe a Terra e então pude instigá-los a ampliar a visão sobre o ambiente que os rodeia.

No final da aula, realizei com eles uma espécie de acróstico. Na brinquedoteca, fantasiei alguns alunos de plantas, outros de animais. Em roda, cada um deveria repetir:

“Eu sou a plantinha do planeta Terra”

Ou

“Eu sou um animal do Planeta Terra”

Após cada um se identificar, andamos em roda com o coro:

“Viva o Planeta Terra”.

Foi impressionante a interação de todos os alunos. Eles se mostraram participativos e interagiram muito bem uns com os outros.

OFICINA 3

O que é natureza?

Objetivo: Dialogar o conceito de natureza; identificar os elementos naturais; instigar na criança o auto-reconhecimento como parte integrante na natureza.

Metodologia: Perguntar as crianças o que tem na natureza e com uma luneta, em ambiente externo, pedir que cada um visualize algum elemento da natureza.

Avaliação: Registro sobre o que cada aluno observou da natureza.

A aula aplicada teve a participação de apenas cinco alunos, visto que os outros não foram à aula. No decorrer da aula não houve problemas e todos se mostraram empolgados no decorrer das atividades.

Pretendi neste encontro, identificar a partir do conceito das crianças o que é a natureza e se eles se vêem como integrante dela.

O que pude notar é que com relação ao que compõe a natureza, os alunos do maternal II se limitaram a citar as árvores, plantas e o sol.

Dois alunos, entretanto, falaram que viram na luneta o parque. Durante a realização das atividades, destaquei também uma dificuldade em repartir e em compreender o tempo do outro. Como só havia uma luneta, combinei com eles que cada um teria um tempo para observar o que quisesse. Entretanto, durante a observação de alguns, os outros tentavam tomar a luneta e durante a sua própria vez queriam ser respeitados. A dificuldade de compreender que há tempo para tudo e o respeito para com o outro, me mostraram que deveria trabalhar com a turma também noções de cuidado para com o outro e de respeito. Compreendo que o respeito com a natureza surge na medida que se respeita o próximo também.

Assim, depois da atividade levei-os de volta para a sala conversei com eles e tentei mostrar-lhes que não gostei da atitude deles.

Logo, tal encontro não se desenvolveu completamente da forma desejada. Penso que se tivesse levado uma luneta para cada aluno, a atividade teria sido mais prazerosa, mas como não o fiz, foi importante para destacar com as crianças noções básicas de convívio.

OFICINA 4

A Fauna

Objetivo: Estimular o desenvolvimento do conceito de fauna, a partir de história, diálogo e fantasia.

Metodologia: Em roda, ler o livro “De olho nos bichos” e dialogar sobre a importância dos animais e como eles gostam de viver. Fantasiar os alunos de gatinhos.

Avaliação: Registro sobre se é melhor um bicho viver preso ou livre na natureza.

Neste encontro, trabalhei com os educandos sobre a fauna, destacando o seu conceito e maneiras de tratar e cuidar da mesma. Durante a realização das atividades, notei uma maior interação da turma para com o tema tratado. Quando o assunto é animais, acredito que por eles conviverem diariamente com seus animais domésticos, compreendem bem sobre a temática.

A metodologia inicial adotada foi a leitura do livro “De olho nos bichos”. Em rosa, contei para eles a história, que trazia estrofes sobre cada animais. Destacavam-se as características dos bichos e como eles são fisicamente. Após este momento, saí m pouco do planejamento, e propus que brincássemos de mímica. Cada aluno deveria imitar um dos animais do livro. Eles adoraram. Brincamos até o momento do lanche.

Num segundo momento, em folha branca pedi a cada um que desenhasse como os animais gostavam de viver, se presos ou livres. Todos desenharam que os bichos gostavam de viver na natureza e livres. Me surpreendi com essa noção que eles apresentaram, visto que não havia construído ainda com eles tal noção.

Neste encontro destaquei a grande carga que os alunos trazem de conhecimento baseado nas suas próprias vivências, e isso não deve ser descartado.

Por fim, para encerrar a aula, fantasiei os alunos de gatinhos, com orelhas que havia confeccionado e com pintura de rosto.

OFICINA 5

Flora

Objetivo: Conceituar flora; distinguir fauna e flora; trabalhar as necessidades da planta a partir da prática.

Metodologia: A partir das plantas trazidas de casa, trabalhar o nomes e o que cada planta precisa para crescer.

Avaliação: Construção de texto coletivo com o título: “A plantas precisam de...”

Este encontro foi preparado com antecedência, visto que necessitava que eles trouxessem uma planta de casa. Assim, enviei os bilhetes solicitei aos pais que na data marcada os alunos viessem para a aula com uma planta que tivessem em casa.

Durante o encontro, cada aluno com sua planta (exceto dois alunos que esqueceram), apresentavam-se empolgados com a aula e queriam apresentar-la para os amigos. No início, em roda, pedi que cada aluno falasse o nome da sua planta, caso soubesse. A maioria não sabia o nome da planta, os únicos que sabiam eram dois alunos, um que levou uma rosa (a qual denominou como flor) e outra que levou uma violeta e a apresentou como tal.

Depois deste momento, pedi a cada aluno que falasse do que as plantas precisam para crescer. Eles citaram várias coisas, como “cuidado”; “comida”; “água”. Com essas informações recolhidas durante a roda, confeccionei um texto coletivo com o título “As plantas precisam de...”. Por fim, discuti com eles o que era a fauna e o que era a flora.

Acredito que os objetivos foram alcançados, e os alunos gostaram muito da atividade desenvolvida.

OFICINA 6

O Ar

Objetivo: Trabalhar a sensibilidade em sentir a natureza; introduzir o conceito de poluição do ar.

Metodologia: No pátio levar os alunos para sentir o vento. De volta à sala construir um cata-vento com os alunos.

Avaliação: Em roda, questionar os alunos sobre as sujeiras que o ar pode ter e analisar nas respostas os motivos enumerados para tal fato.

Após a acolhida, levei os alunos para o pátio para sentir o vento e trabalhar a sensibilidade à natureza. Eles gostaram do contato com a natureza e também gostaram de sair para um ambiente aberto. O planejamento era, de volta à sala de aula, construir um cata-vento, entretanto, como eles estavam gostando muito de ficar do lado de fora da sala, realizei tal atividade no pátio com eles. Levei o cata-vento já cortado e ajudei-os a montar no palito. Cada um teve a oportunidade, anteriormente, de fazer o desenho que quisesse no cata-vento. Depois de pronto, eles brincaram no pátio com o produto final da atividade.

Após este momento, e cumprida a rotina do lanche e do recreio, iniciei com eles uma roda de conversa sobre as possíveis sujeiras que possam existir no ar. No começo, eles pareciam não compreender a idéia de que no ar pode haver sujeiras. Após algumas provocações, começaram a citar os prováveis “bichinhos” que existem no ar e que podem fazer mal à nossa saúde. Entretanto, ainda notei que eles não conseguiam destacar como tais “bichinhos” poderiam ir parar no ar que respiramos.

OFICINA 7

O Sol

Objetivo: Introduzir o elemento sol; desenvolver a sua importância e trabalhar a sensibilidade térmica.

Metodologia: Em roda, perguntar aos alunos a importância do sol e se ele é quente ou frio.

Trabalhar a sensibilidade levando elementos quentes e frios (gelo e água quente).

Em ambiente externo sentir a temperatura do sol.

Avaliação: Desenho de como é o sol.

O sétimo encontro teve como tema o sol. Pretendia destacar a sua importância e trabalhar com os alunos a sensibilidade térmica. Após a acolhida, em roda perguntei aos alunos para que servia o sol e se ele era quente ou frio. A resposta foi quase unânime que a sua função era nos aquecer e que o sol era quente. Assim, levei-os para sentir o sol e permiti que brincassem um pouco na área externa.

Num segundo momento, com o objetivo de cumprir o conteúdo curricular, aproveitei-me da temática voltada para o sol e questionei aos educandos se eles sabiam o que era uma coisa quente e o que era frio.

Levei elementos quentes e frios e com os olhos vendados eles deveriam falar se era quente ou frio. A atividade foi bem sucedida e com uma grande participação de toda a turma. Por fim, com o objetivo de avaliar a construção que fizeram sobre o conceito do sol, pedi que desenhassem o sol. Foi interessante notar nesses desenhos, a representação dos alunos que não desenharam apenas o sol, de forma isolada, mas Aves, borboletas, o sol e as flores compõem a paisagem enfatizando a biodiversidade presente.

OFICINA 8

A Água

Objetivo: Atentar sobre a importância da água; propiciar momentos de elaboração e criatividade.

Metodologia: Em roda, ler o livro “Para que serve a água”.

Avaliação: Registro em uma gota de cartolina sobre para que cada um usa a água.

O principal objetivo deste encontro foi partir do uso da água, no cotidiano das crianças e destacar a importância desta para a nossa sobrevivência. Acredito que tal objetivo foi alcançado na medida em que os educandos souberam enumerar diversas coisas que fazem com a água.

Em roda, li com eles o livro “Para que serve a água”, e partir dele pude mediar o diálogo sobre as funções da água. Por fim os questionei e se a água não existisse. Concluímos em grupo que não conseguiríamos sobreviver sem a água. Assim, devemos cuidar da água e não devemos jogar lixo nem nos rios nem nos mares.

A atividade de avaliação desenvolvida pretendeu unir a criatividade das crianças com a avaliação do nível de compreensão delas sobre as funções da água. Assim, em uma gota de cartolina pré-confeccionada, eles desenharam para que cada um usava a água. Com o produto desta atividade, foi confeccionado um mural.

OFICINA 9

A Poluição

Objetivo: Trabalhar a noção de limpo e sujo; identificar ambientes poluídos e não poluídos; trabalhar as formas de poluição.

Metodologia: Em área externa, perguntar se o ambiente está limpo ou sujo; apresentar imagens de ambientes limpos e (não poluídos) e sujos (poluídos).

Avaliação: Com o auxílio de uma maquete pedir que as crianças identifiquem quem está sujando a natureza.

O tema que tratei neste encontro, sempre foi considerado por mim um dos temas mais difíceis de se trabalhar com crianças daquela idade. Assim, usei o conceito de limpo e uso, por achar mais fácil à compreensão dos alunos.

No início usei imagens e pedi que classificassem como limpo ou sujo. Todos souberam classificar bem o que era poluído e o que não estava poluído. Questionei com eles, o por que de naquelas imagens o haver tanta sujeira. A partir da resposta das crianças pude analisar que eles já traziam uma base de conhecimento, logo iria aprofundá-lo.

Num segundo momento, com uma maquete que havia construído, pedi a eles que identificassem quem estava sujando o rio, a água, o ar, as ruas. Eles observaram durante algum tempo e souberam visualizar, o homem jogando lixo no chão; a fábrica lançando dejetos no rio e também a fumaça preta e cheia de “sujeiras” que saía das indústrias.

Acredito que os objetivos foram alcançados e a oficina foi muito bem desenvolvida. Os alunos mostraram-se empolgados e participativos.

OFICINA 10

O Lixo

Objetivos: Analisar o nível de entendimento dos educandos sobre o lixo; conscientizar sobre a importância de não jogar lixo na natureza; Atentar ao fato de que o lixo deve ser reaproveitado e separado.

Metodologia: Na roda de conversa, investigar o conhecimento dos educandos sobre o reaproveitamento do lixo e se eles sabem que não pode jogar lixo no chão e na natureza. Usar a lixeira da sala e fazer a separação do lixo usando caixas de papelão.

Avaliação: Com os alunos, andar pela escola recolhendo o lixo do chão.

Partindo da idéia que o lixo tem tudo a ver com Educação Ambiental, visto que a reciclagem é hoje um das maiores bandeiras desse movimento. É importante conscientizar as crianças que o lixo deve sim ser separado e possível ser reaproveitado.

Assim, neste encontro, partindo das representações que eles já tinham sobre a noção do lixo, iniciei a investigação perguntando para que poderia servir o lixo. AS respostas foram basicamente de que o lixo não serve para nada e deve ser descartado.

Perguntei ainda quando que uma coisa vai para o lixo, e notei a associação que existe entre a perda da função e o lixo.

Após essa investigação, com o lixo da sala, mostrei algumas coisas, como folha amassada, garrafa de iorgute, casca de banana. É importante destacar que esta atividade foi realizada após o lanche, portanto foi concretizada com o lixo produzido pelos próprios alunos.

Separei com a ajuda dos alunos todos os tipos de lixo. Mostrei que era importante separar o lixo para descobrir o que podia ou não ser reaproveitado. A atividade foi muito bem desenvolvida , neste contexto ressaltai também que lugar de lixo é no lixo e não no chão.

Para encerrar essa atividade, levei os alunos para realizar uma vistoria no pátio e catar o lixo que estivesse no chão.

A partir disso, eles se conscientizaram que não deveria jogar lixo no chão, além de servir de exemplo para os alunos maiores.

OFICINA 11

Desmatamento

Objetivos: Conscientizar o educando sobre a importância das árvores; sustentar o fato de que as árvores não devem ser cortadas; mediar o entendimento de que as árvores muitas vezes são cortadas para a produção de papel.

Metodologia: Contação da história “O menino árvore” usando fantoches. Discussão em roda sobre a história ressaltando a derrubada das árvores e a produção do papel.

Avaliação: Registro da história em jornal

O décimo primeiro encontro pretendia discutir com os alunos a noção de desmatamento, conscientizando sobre a importância das árvores. Num primeiro momento, li com eles a história “O menino árvore”, que fala sobre um menino que se transforma numa árvore e relata como é ser e qual o papel das árvores no Planeta Terra. Na contação da história usei como recurso fantoches. Me impressionei com a atenção e participação das crianças, acredito que o recurso aplicado foi muito válido na no alcance dos objetivos traçados.

Considereei a história trabalhada muito válida e consistente na construção do conhecimento das crianças sobre a derrubada das arvores e o motivo de não se exercer tal prática. Na roda de conversa, destaquei ainda com eles que muitas vezes as árvores são derrubadas para a produção do papel. Partindo desse conceito, consegui alertá-los para um consumo consciente de papel, visto que em minhas observações, notei que muitas vezes os educandos desperdiçavam muitos papéis tanto na elaboração das atividades como nos momentos de brincadeira.

Num segundo memento, pedi que desenhassem com tinta no jornal, alguma coisa que mais gostaram da história. Eles adoraram a atividade, e o resultado foi para a confecção de um lindo mural.

OFICINA 12

Desequilíbrio Ecológico

Objetivos: Conscientizar sobre a perfeita criação da natureza e a função de cada ser vivo na sua manutenção; trabalhar conceitos de cadeia alimentar; sedimentar o entendimento dos prejuízos causados com o desequilíbrio da natureza.

Metodologia: Filme “Lucas e o formigueiro”. Discussão em roda sobre o filme. (O que aconteceu com o Lucas? Por que as formigas queriam se vingar dele?; De quem as formigas tinham medo? Por que?

Avaliação: Construção de um insetário identificando com os alunos a função de cada inseto na natureza.

A natureza é uma perfeita criação, e que se não fosse a intervenção humana, viveria em perfeita sintonia. Assim, a princípio considerei o tema em questão, como muito complexo para ser trabalho com crianças de maternal II, mas devido sua importância, propus uma adaptação a partir do filme “Lucas e o formigueiro”.

O filme por não ser muito longo, foi assistido na primeira parte da manhã pelos alunos. Eles gostaram muito por ser um filme com imagens variadas e coloridas.

Após o filme, e o recreio, em roda questionei aos alunos sobre o que eles tinham entendido da história. O que considerei interessante na fala de cada um foi com relação à noção deles de interferência humana na vida dos animais. O que mais foi citado sobre o filme, foi justamente que as formigas queriam viver e que o Lucas as matavam.

Considerei como satisfatória a reprodução das crianças sobre a história, notei que o filme exemplificou bem como o homem desequilibra a natureza.

Por fim, construímos um insetário de isopor. Alguns insetos foram levados por mim e outros nos pegamos no jardim da escola. Ali, colamos os insetos, e com a ajuda das crianças escrevemos ao lado de cada inseto, a sua função.

| | |
|-----------|--|
| Abelha | Produz o mel |
| Formiga | Ajudam a adubar o solo |
| Lagartixa | Ajuda a controlar a quantidade de vários outros insetos, como os cupins. |
| Besouro | Ajudar a adubar o solo |
| Borboleta | Auxilia as plantas na reprodução |
| Grilo | Alimento para algumas plantas. |

OFICINA 13

Reciclagem

Objetivo: Conceituar e aplicar formas de reciclar o lixo.

Metodologia: Em roda, apresentar algumas sucatas e perguntar o que pode ser feito com aquilo. Mostrar os brinquedos feitos com material reciclado e deixar tempo livre para brincarem.

Avaliação: Confeccionar um boliche de material reciclado.

A partir deste encontro, introduzi com as crianças, algumas práticas sustentáveis na preservação da natureza. Na primeira temática trabalhada, em roda, com o auxílio de algumas sucatas, investiguei se eles compreendiam que algumas coisas poderiam ser criadas a partir daquele material. No início, eles se mostraram interessados e queriam pegar e brincar com a sucata. Expliquei-lhes, que com algumas coisas do lixo nos podemos fazer coisas novas, e o nome disto é reciclagem. Apresentei-lhes os brinquedos confeccionados com sucata e deixei tempo livre para que pudessem brincar.

Avaliei como satisfatória a atividade e os educandos se mostraram animados com o desenvolvimento da atividade.

Depois do recreio, construí com os alunos um boliche de material reciclado. Usamos garrafas de refrigerante que eles pintaram com tinta e as bolinhas foram feitas com resto de papel e cola.

OFICINA 14

Reflorestamento

Objetivo: Atentar à importância das árvores; trabalhar a partir da prática uma forma de reparar os danos que a natureza tem sofrido.

Metodologia: Em roda iniciar uma discussão sobre para quê plantar uma árvore; a partir da análise das respostas instigá-los a plantar também uma árvore.

Avaliação: Após o recreio, levá-los ao jardim da escola e ali plantar com cada um a sua planta; junto a cada uma deve ter o nome do aluno que será responsável por acompanhar seu desenvolvimento, com o auxílio da professora, durante o semestre.

Este encontro foi um dos que considerei mais significativos na construção da proposta elaborada. Num primeiro momento, conversei com eles sobre a importância das árvores, lembrando-lhes sobre a história do “Menino árvore”. Depois, investiguei o que nós poderíamos fazer quando uma árvore fosse derrubada. A partir das respostas, comecei a construir com eles um conceito de reflorestamento.

Expliquei que a cada árvore que fosse derrubada, era importante que uma nova fosse plantada. Depois, desse momento de conversa, permiti que tivessem um momento livre, pois notei a turma muito dispersa, visto que era sexta-feira, talvez estivessem cansados.

Após o recreio, fomos para o jardim da escola e ali cada um plantou uma muda, que deveria ser cuidada por quem a plantou durante o semestre.

A atividade foi muito significativa, visto que levou os alunos a um ambiente fora da sala de aula e também vai servir de recordação aos alunos para que ao cuidar da planta se lembrem do aprendizado que obtiveram.

OFICINA 15

Limpeza do Meio Ambiente

Objetivo: Desenvolver a ação de limpeza da natureza; propiciar cenário para a manifestação do cuidado com a natureza.

Metodologia: Em roda, levar imagens de ambientes poluídos e pedir que cada um identifique o que é aquilo.

Avaliação: Construir em cenário um lago poluído e cada aluno vai ajudar a limpar o lago.

Pretendendo-se conscientizar os educandos sobre a importância da suas práticas, neste encontro, trabalhei sobre a limpeza do meio ambiente. No início, conversei com eles sobre o que é um ambiente poluído. Remetendo-se ao que foi estudado no 9º encontro, mostrei duas imagens, uma de um ambiente poluído e outra de um ambiente não poluído. Investiguei-lhes qual era o ambiente poluído e qual o que não era poluído. Analisando as respostas, pude perceber que a associação feita pelos alunos entre o poluído e o sujo e o não poluído e o limpo foi correta, e eles compreenderam bem os conceitos.

A partir disso, em um segundo momento, com a construção de um cenário pedi aos alunos que me ajudassem a limpar o ambiente que estava poluído. Numa atividade cooperativa, todos limparam o suposto “lago” que estava poluído.

Considere interessante nesta atividade, o espírito coletivo desenvolvido e a participação ativa dos alunos com o objetivo comum de limpar o meio ambiente.

OFICINA 16

Desenvolvimento de uma prática voltada ao cuidado com a fauna

Objetivo: Trabalhar com os educandos conceitos de cuidado; expor que os animais assim como os seres humanos necessitam de cuidados; reduzir o individualismo; simbolicamente propor uma medida de cuidado para com outro que não si mesmo.

Metodologia: Em roda, iniciar a investigação perguntado se eles têm bichinhos em casa e como esse animais gostam de viver; a partir da análise das respostas, construir um painel a partir da frase: “ Os Animais precisam de...”.

Avaliação: Levar bichos de pelúcia e pedir que cada aluno adote um para cuidar e tratar bem dele.

Para encerrar a pesquisa propus uma atividade que desempenhasse os objetivos traçados e também me permitisse deixar uma recordação com alunos sobre todo o trabalho que foi realizado com eles durante este período.

No início, cumpri a rotina com eles e realizei a acolhida, lembrando na oração de agradecer por toda a natureza que Deus nos deu. Após este momento, cantei algumas músicas e iniciei a conversa sobre o tema a ser discutido.

Iniciei questionando-os sobre como deve ser tratado um animal. Eles responderam que os animais gostavam de ser bem tratados e tinham que comer e se alimentar.

Após este momento, e depois do recreio, iniciei a avaliação com uma atividade que se baseou em dar a cada aluno um bichinho, o qual deveria ser cuidado por quem o pegou.

Com esta atividade, acredito que meus objetivos serão alcançados na medida em que vai desenvolver no educando uma redução do individualismo. Um dos grandes motivos da destruição da natureza atualmente refere-se principalmente ao individualismo de alguns que só pensam no seu próprio bem estar.

Logo, a atividade foi bem desempenha e contou com a participação ativa de todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado sugeriu muito mais a problematização e o debate sobre a relação educação/ambiente do que esgotar o assunto ou produzir conclusões acabadas sobre o tema, por natureza vasto.

A educação e a problemática ambiental são antes de tudo, questões políticas que envolvem atores, interesses e concepções de mundo diferentes, e que podem assumir direções mais conservadoras ou emancipatórias.

Esta pesquisa entendeu que uma educação ambiental de ênfase somente teórica reduz a complexidade do real e mesclara os conteúdos e conflitos políticos inerentes a questão ambiental, favorecendo uma compreensão de um processo educativo identificado com a autonomia individual e o aluno se limita e não pode prescindir de uma atitude crítica, participativa e comprometida com a ampliação da cidadania.

A Educação, deveria estar acompanhando de perto todo esse processo ambiental, deveria estar à frente das discussões que se desenrolam no mundo, deveria conhecer e entender as causas e, mais que isso, ser capaz de propor soluções. Afinal a educação é a ferramenta que criamos para garantir a continuidade e expansão do conhecimento sobre nós mesmos e do universo em que vivemos e nós, profissionais da educação, somos os responsáveis por formar, orientar e conduzir o desenvolvimento das atuais e novas gerações, transmitindo lhes os conhecimentos adquiridos pela humanidade ao longo de sua existência e clareando os caminhos à frente na construção do futuro.

Dai surge a maior aplicação do que foi tratado aqui, a educação deve iniciar seu compromisso com o meio ambiente desde cedo, na Educação Infantil, visto que são os educandos desta fase, os responsáveis pelo planeta a longo prazo. No entanto estamos perdidos, longe de atuar como profissionais competentes e sintonizados com a realidade que nos cerca, sem entender a dimensão do que acontece e sem os conhecimentos básicos que nos permitam encaminhar essas discussões em salas de aula, escolas e sociedade. E nas poucas tentativas nos esbarramos em uma grade curricular que não abre muitas portas para a realização de aulas práticas no campo. Além do que, a própria metodologia aplicada à educação infantil, ainda aparece carregada de práticas voltadas ao capitalismo.

Temos uma agenda e um diário de classe assim, essas discussões em torno da implementação da Educação Ambiental na educação infantil, tem de ultrapassar as paredes metodológicas e romper com a didática aplica às quatro paredes da sala de aula.

Logo, na Educação Ambiental tem, muito ainda há de ser feito, tanto na escola quanto na comunidade. O trabalho desenvolvido até o presente momento serviu apenas para disparar, tornar visíveis, muitos aspectos que devem ser aprofundados.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2000
- SEARA Filho, G. **Apontamentos de introdução à educação ambiental**. Revista Ambiental. 1987.
- MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: 2002.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TIRIBA, Lea. **Crianças, natureza e educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Pontífice Católica – PUC. Rio de Janeiro
- GADOTTI, Moacir. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005.
- SINGER, Paul. **A Educação na Economia Solidária**. 2005, pág 13 a 20
- BARBOSA, M. C. S. **A Rotina na Pedagogia da Educação Infantil: dos binarismos para a complexidade**. 2001. (Apresentação de trabalho/Comunicação).
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.
- BERNSTEIN, Basil. **Classe e Pedagogia: visível e invisível**. São Paulo, 1984
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

BRASIL, Lei Nº 6938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.**

BRASIL. Lei Nº 9795, de 27 abr. 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.**

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 3v.

PUIG, Josep Maria. **Ética e valores:** métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: FORMACAO CONTINUADA

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: FORMACAO CONTINUADA

Ao concluir este curso pretendo continuar investindo em minha formação como educadora, contribuindo para a melhora da sociedade e difundindo os princípios e valores que o curso de Pedagogia da UnB me ensinou. É preciso compreender que a "escolha" (seja ela profissional ou não) é um processo em permanente construção e reconstrução ao longo da vida. Dessa forma, é indispensável ao profissional de educação uma constante qualificação e aprimoramento, pois a obtenção de conhecimentos, além de proporcionar munção contra as incertezas, forja um pensar mais crítico e uma prática efetiva de responsabilidade social frente às problemáticas da sociedade. Por isso, se possível também tenho a expectativa de continuar meus estudos na área da Economia Solidaria. Por meio de uma pós-graduação , mestrado e quem sabe(por ser muito difícil) doutorado na UnB. Participar de movimentos sociais. Pretendo fazer uma graduação em Sociologia.

Penso que educar é também um ato de amor, repleto de significações e emoções, cada momento do processo de ensino-aprendizagem exige do educador consciência ética e política, porque este é o responsável pela formação de indivíduos que amanhã estarão aptos ou não a conviverem em sociedade.

Uma área pela qual também me apaixonei é a Educação Ambiental, área esta que pretendo defender e estimular a todos que estiverem ao meu lado para sua prática. citando *John F. Kennedy* “A suprema realidade do nosso tempo é a vulnerabilidade do nosso planeta”. Desta maneira, incentivar a proteção ao meu planeta é algo que pretendo semear.